

Interseções entre a historicidade da língua  
e a historicidade do texto  
sob a ótica das Tradições Discursivas



LaborHistórico

Volume 4 - Número 2 - jul./dez. 2018

# Sumário

---

## **Apresentação** 10

*Cleber Alves de Ataíde*  
*Valéria Severina Gomes*

## **D**ossiê Temático

---

### *Como formar um público culto? Necrológio para a tradição discursiva Guia de Parque Zoológico* 13

*Iryna Gaman*  
*Konstanze Jungbluth*

---

### *Cartas oficiais dos séculos XVIII e XIX: aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos* 34

*Maria Cristina de Assis*  
*Maria das Graças Carvalho Ribeiro*

---

### *Tradições discursivas em anúncios de fugitivos nos jornais do Recife* 48

*Ana Karine Pereira de Holanda Bastos*

---

### *O anúncio publicitário na escatologia dos folhetos de cordel* 69

*Linduarte Pereira Rodrigues*

---

### *Um estudo das formas verbais imperativas em cartas pessoais dos séculos XIX e XX* 81

*Aldeir Gomes da Silva*

# Varia

*A variação diatópica dos pronomes pessoais Tu e Você  
em cartas de amor do sertão pernambucano do século XX* 92

---

*Cleber Alves de Ataíde  
Tallys Júlio Souza Lima*

*Variação sociolinguística e dialetológica: um estudo contrastivo entre Cuiabá e Covilhã* 104

---

*Jussara Maria Pettenon Dallemole  
Paulo Osório  
Maria de Jesus Carvalho Patatas*

*Toponímia menor e conservadorismo lingüístico:  
algúns exemplos contemporâneos da cidade da Coruña* 135

---

*Xosé Manuel Sánchez Rei*

# Variação sociolinguística e dialetológica: um estudo contrastivo entre Cuiabá e Covilhã

*Sociolinguistic and dialectological variation:  
a contrastive study between Cuiabá and Covilhã*

Recebido em 30 de junho de 2018. | Aprovado em 13 de agosto de 2018.

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v4i2.23556>

Jussara Maria Pettenon Dallemole <sup>1</sup>

Paulo Osório <sup>2</sup>

Maria de Jesus Carvalho Patatas <sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo, apoiando-se nas contribuições avançadas pela Sociolinguística no que respeita ao estudo do léxico na sua variação no tempo e no espaço, pretende analisar as variantes lexicais, obtidas *in loco* por meio do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), nas localidades de Cuiabá (Brasil) e Covilhã (Portugal), correlacionando-as aos fatores extralinguísticos gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes. O principal objetivo consiste na identificação de possíveis mudanças linguísticas em curso, bem como, determinar a ocorrência de mudanças em progresso ou variação estável, de acordo com a Sociolinguística Variacionista de William Labov. Os resultados da análise sociolinguística apontam, de modo geral, para dois caminhos distintos trilhados pelas variantes: a estabilidade e a coexistência das variantes no sistema e a mudança em progresso.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Variação linguística; Mudança linguística.

**Abstract:** This paper, based on the contributions made by Sociolinguistics concerning the study of the lexicon in its variation both in time and space, intends to analyze the lexical variation obtained *in loco*, through the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL) of the Atlas of Brazil Linguistics Project (ALiB), in Cuiabá (Brazil) and Covilhã (Portugal), at the same time correlating them with extralinguistic factors like gender, age group, level of education and origin of informants. The main objective is to identify possible ongoing linguistic changes, as well as to determine the occurrence of changes in progress or stable variation, according to the Variationist Sociolinguistics of William Labov. The results of the sociolinguistic analysis point, in general, to two distinctive paths traced by the following variants: stability and coexistence of the variants in the system and the change in progress.

**Keywords:** Sociolinguistics; Linguistic variation; Linguistic change.

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade da Beira Interior (Covilhã, Portugal). Especialista em Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (Belém, Brasil). Graduada em Letras pela Universidade da Amazônia (Belém, Brasil). Atua na área de Linguística, mais precisamente em Sociolinguística, Semântica e Estudos do Léxico. [jussarapettenon@gmail.com](mailto:jussarapettenon@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor, Pós-doutor e Agregado em Linguística Portuguesa. É Professor Associado com Agregação na Universidade da Beira Interior (Covilhã, Portugal) e as suas áreas de investigação centram-se na Linguística Histórica (História da Língua Portuguesa), Sociolinguística e na Linguística Aplicada. [pjrso@ubi.pt](mailto:pjrso@ubi.pt).

<sup>3</sup> Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (São Paulo, Brasil). Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, Brasil). Graduada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, Brasil). Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso, atuando na área de Linguística, Língua Portuguesa, Filologia Românica e Semiótica. [mjpatatas@gmail.com](mailto:mjpatatas@gmail.com).

## Introdução

Estudar as relações entre linguagem e sociedade é a prioridade da sociologia linguística, ou Sociolinguística, tendo em vista que os seres humanos, por conviverem organizados em sociedade, possuem um sistema próprio de comunicação oral, denominado língua. Assim, pode-se inferir que linguagem e sociedade estão interligadas e, por meio da língua, indivíduo e esta mesma sociedade se determinam e constroem suas relações. Inclusive, William Labov, em seus estudos sobre Padrões Sociolinguísticos, defende a heterogeneidade linguística como uma consequência das diferenças existentes entre as comunidades de fala. É, justamente, dos estudos labovianos que surge a denominada Sociolinguística Variacionista, cujo objetivo consiste na descrição da variação e da mudança linguística, com base no contexto social e no uso real da língua. Considera que os processos contemporâneos de transformações, que ocorrem nas comunidades de fala, são aspectos imprescindíveis para a Sociolinguística, tendo em vista que não se trata apenas de um grupo de pessoas que falam de forma semelhante. Existem traços linguísticos distintos entre os falantes, que se comunicam mais entre si do que com os outros e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem.

Destarte, a Dialetoлогия e a Sociolinguística estão alinhadas quanto à heterogeneidade da língua, que se apresenta como um conjunto de variedades usadas diferentemente quando consideradas as características sociais do falante, a época, o local e a situação de comunicação. Parte destas variantes podem ser consideradas desprivilegiadas por não seguirem a norma culta padrão, ou a norma de maior prestígio social, contudo, podem constituir-se no elemento responsável pelas transformações da língua. Neste contexto, o português falado no Brasil registra, ao longo das últimas décadas, transformações estruturais influenciadas pela plurinacionalidade de seus colonizadores, bem como, pelas condições políticas, sociais, econômicas e culturais que permeiam a história e a composição das classes sociais no país. Com o decorrer do tempo, originaram-se modalidades de pronúncia, mudanças superficiais de léxico e, até mesmo, diferenças de caráter semântico, com expressões distintas e significados semelhantes. Percebe-se que as variações linguísticas e os diferentes modos de falar, também estão condicionadas a fatores extralinguísticos como: nível de escolaridade, situação socioeconômica, faixa etária, gênero e etnia, mesmo ao se tratar da língua falada em uma mesma comunidade linguística.

A fala brasileira apresenta características particulares e diferentes do português nativo, ainda preservado nos Concelhos de Portugal. No entanto, este processo não ocorreu de forma homogênea, visto que a colonização e o desenvolvimento socioeconômico deram-se de forma desordenada no território brasileiro, fato que, consequentemente, contribuiu para a origem de vários dialetos, com seu próprio sistema léxico, sintático e fonético-fonológico. Torna-se, assim, oportuno ressaltar que qualquer que seja a variante de uma mesma língua, esta adequa-se às necessidades linguísticas dos falantes e somente o que as diferencia são os valores impostos pela sociedade. No entanto, a escola, como espelho desta mesma sociedade, tende a não admitir o diferente e prefere adotar as noções de “certo” e “errado” numa falsa visão da realidade. Nesse sentido, a escola, que tem por objetivo ampliar as competências linguísticas e comunicativas do educando, precisa aceitar a variação linguística como um fato linguístico, visto que é inerente a todas as línguas, para acabar com o mito de que “a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente” e de que a forma “certa” de falar espelha-se à escrita, visões impostas pela gramática tradicional (BAGNO, 1999).

No intuito de registrar os falares regionais e compreender as razões da existência dos diversos dialetos, ocorrem investigações ao longo de todo o território brasileiro, assim como na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Um número significativo de variantes linguísticas vem sendo registradas pelas pesquisas acadêmicas, na intenção de descrever o perfil linguístico brasileiro e da CPLP, além de identificar confluências e divergências com a língua falada e escrita em Portugal. Tal fato se reporta à necessidade de interpretação dos fenômenos responsáveis pelas variações, tendo em vista que há um grau diferenciado, se observado cada país de Língua Portuguesa.

No presente estudo, far-se-á uma análise das variantes lexicais de maior frequência no *corpus* em correlação com as variáveis extralinguísticas sexo, faixa etária, escolaridade e naturalidade dos informantes de Cuiabá e da Covilhã, no intuito de identificar possíveis mudanças linguísticas, com base na Sociolinguística Variacionista de William Labov. A tentativa de comparar alguns aspectos do dialeto cuiabano ao covilhanense, além de ampliar a descrição do português e dos registros dialetais, contribui para que as variedades linguísticas não sejam esquecidas, mas sim respeitadas. A importância da língua falada para o estudo científico da linguagem

reside no fato de ser, nesta variedade linguística, o local em que ocorrem as mudanças e as variações que, incessantemente, transformam a própria língua.

## 1. A sociolinguística

A Linguística foi conceituada como estudo científico da linguagem a partir da publicação, em 1916, do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure. De acordo com Silva (2002), a Linguística consolidou-se no início do Séc. XIX como uma espécie de gramática comparativa, que objetivava confrontar as línguas de origem comum para depreender a protolíngua de que elas emergiram. Ao se desenvolver em uma perspectiva histórica, identificou alterações das línguas no decorrer do tempo e registrou, assim, vários fenômenos ocorridos como, por exemplo, a existência de um significativo número de dialetos derivados de uma mesma língua. Trata-se da variação linguística definida por Murrie *et al* (2004) como a “seiva que mantém a língua viva”, se sobrepondo a regras, com uma diversidade surpreendente, intrínseca à evolução humana. A variação linguística apresenta-se como um retrato da vivência social dos indivíduos, influenciando, ao mesmo tempo, em que é influenciada pelo meio em que vive. Destarte, a linguagem, ao abranger todo um contexto de evolução de um indivíduo, torna-se um dos fatores preponderantes, relacionados à diferenciação dos povos e à formação da sociedade.

No que diz respeito às mudanças na língua, Ferdinand de Saussure define que:

Com efeito, a imobilidade absoluta não existe; tôdas as partes da língua estão submetidas à mudança; a cada período corresponde uma evolução mais ou menos considerável. Esta pode variar de rapidez e de intensidade sem que o princípio mesmo seja enfraquecido; o rio da língua corre sem interrupção; que seu curso seja tranquilo ou caudaloso é consideração secundária (SAUSSURE, 1999, p. 163).

Quando se pretende investigar a trajetória histórica da língua e as questões inerentes às suas mudanças, as contribuições da Sociolinguística apresentam-se como adequadas por possuírem um valor instrumental para a avaliação de estruturas complexas. Contudo, para este tipo de investigação depara-se com motivações de nível estrutural e sistemáticas, pertencentes ao contexto extralinguístico, nomeado com base no domínio social, geográfico, político, cultural, que apesar de pertencerem ao domínio externo da língua, em muito contribuem para as mudanças e a variação linguística (OSÓRIO, 2008).

Do ponto de vista cultural, a língua apresenta especificidades originárias de recortes da realidade interiorizada pelos falantes, no intuito de construir seus referenciais mínimos de convivência. Contudo, no que se refere ao aspecto comunicativo, a língua representa um conjunto de regras instituídas, capazes de determinar capacidades comunicativas que cada ato verbal resulta de um processo intencional de proposições que visam transformar pensamentos e ações (MURRIE *et al.*, 2004). Tratam-se de especificidades capazes de provocar mudanças na língua de uma região para outra; variações dentro de um mesmo país que fala uma mesma língua. No caso da Língua Portuguesa, existem diferenças de fala e escrita em Portugal e no Brasil, com regiões que apresentam marcas específicas, principalmente no que se refere à fala. Tratam-se de variações também denominadas de regionalismos, dialetos ou falares locais, com diferenças apresentadas de forma mais clara, quando da pronúncia das palavras, nas construções sintáticas, nos significados de determinadas expressões e no léxico (ARAÚJO, 2014).

Os aspectos sociais também estão conectados com a linguagem, no momento em que passam a refletir a realidade do discurso humano e mostra como um dialeto pode ser descrito por meio da idade, do sexo e da classe social do falante, em uma espécie de codificação da função social da linguagem. Neste campo, de acordo com Araújo (2014), a Sociolinguística reflete a realidade do discurso humano, a partir do momento em que estuda as conexões entre linguagem e sociedade; estuda a variedade dialetal (de forma contrastiva), analisa comunidades de fala e suas formas linguísticas em variação.

A Sociolinguística surge como uma nova área da Linguística em 1964, mais precisamente, em um congresso na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA), organizado por William Bright, do qual participaram vários estudiosos que, posteriormente, se constituíram em referências clássicas na tradição dos estudos referentes à questão da relação entre língua e sociedade, de entre eles: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher e José Pedro Rona. Os trabalhos apresentados no referido congresso foram organizados e publicados em 1966, por Bright, sob o título *Sociolinguistics*. Cabe ressaltar que, também em 1964, foi realizado um

congresso em Bloomington, Indiana, em que linguistas e cientistas sociais discutiram questões alusivas às relações interdisciplinares, ao campo da dialetologia social, à escolarização de crianças estrangeiras, originárias de meio social pobre. A partir dos trabalhos apresentados nesse congresso, foram organizadas três obras de referência: *Directions in Sociolinguistics: report on a interdisciplinary seminar*, (FERGUSON, 1965), *Explorations in Sociolinguistics* (LIEBERSON, 1966), e *Social Dialects and Language Learning* (SCHUY, 1964).

A respeito do nascimento da Sociolinguística, Bachmann *et al.* (1981) afirmam que o novo campo de estudos interdisciplinar é o lugar “onde vão se encontrar os herdeiros de tradições antigas como a da antropologia lingüística - caso de Hymes - ou da dialectologia social - como Labov - e de especialistas da experimentação ou da intervenção social: psicólogos, sociólogos, e mesmo planejadores” (BACHMANN *et al.*, 1981, p.17). Os referidos autores ressaltam, também, que a Sociolinguística se constitui e se desenvolve no momento em que a abordagem formalista (formalismo) de análise linguística, traduzida (reproduzida) pela gramática gerativa de Noam Chomsky, registra expressiva repercussão.

É Bright quem afirma:

O termo Sociolingüística é razoavelmente novo. Como suas irmãs mais velhas, Etnolingüística e Psicolingüística, não é um termo fácil de ser definido com precisão; aliás, estes três termos tendem a se entrecruzar, quando tratam do mesmo assunto, e de certo modo refletem diferenças nos interesses e na abordagem dos investigadores ao invés de diferenças de material (BRIGHT, 1974, p. 11, citado por PRETI, 1982, p. 17-18).

Para William Bright, um dos mais importantes sociolinguistas norte-americanos, a finalidade da Sociolinguística é a comparação entre a estrutura lingüística e a estrutura social. Afirmar que a Sociolinguística deve “demonstrar a covariação sistemática das variações lingüística e social. Ou seja, relacionar as variações lingüísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (BRIGHT, 1974, p. 34). O referido autor acrescenta que o objeto de estudo da Sociolingüística é a diversidade lingüística e identifica: *i)* a identidade social do emissor ou falante; *ii)* a identidade social do receptor ou ouvinte; *iii)* o contexto social e *iv)* o julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento lingüístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes lingüísticas, como fatores socialmente definidos, relacionados à diversidade lingüística (ALKMIN, 2006, p. 28-29).

Conforme Alkmin (2006),

[...] o objeto da Sociolingüística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade lingüística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos lingüísticos [...] (ALKMIN, 2006, p. 31).

A Sociolinguística busca correlacionar as variações que existem na expressão verbal, com diferenças de natureza social, entendendo o domínio lingüístico e social como fenômenos regulares e estruturados. Para esclarecer tal colocação, o referido autor emprega o exemplo de que se um falante enuncia o verbo “vamos” como [vãmus] e outro falante o enuncia como [vãmu], pode-se afirmar, com base nos postulados da Sociolinguística, que essa variação na fala não é o resultado aleatório de um uso arbitrário e inconsequente dos falantes, mas de um uso sistemático e regular de uma propriedade inerente aos sistemas lingüísticos, que é a possibilidade de variação (CAMACHO, 2001, p. 50).

De acordo com Labov (1972), a Sociolinguística estuda os padrões de comportamento lingüístico observáveis em uma comunidade de fala, por meio de um sistema analítico heterogêneo de regras variáveis. Busca responder ao porquê da variação lingüística, a partir de dois princípios basilares: *i)* o sistema lingüístico deve ser heterogêneo, uma vez que a comunidade não é homogênea e *ii)* as mudanças que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação; a mudança implica necessariamente variação, no entanto, a variação não implica necessariamente mudanças.

Dos estudos de Willian Labov surge a Sociolinguística Variacionista, também conhecida como a “Teoria da Variação e Mudança, tendo por objetivo descrever a variação e a mudança lingüística, levando em consideração o contexto social de produção, observando o uso da língua dentro da comunidade de fala”, que utiliza um método de análise quantitativa dos dados obtidos a partir da fala espontânea dos indivíduos, ou seja, “do vernáculo, estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da fala” (LABOV, 1972, p. 208).

## De acordo com Felício Margotti, a Sociolinguística Variacionista

[...] se orienta por uma concepção de língua como sistema socialmente determinado: um sistema heterogêneo, cuja variação estrutural está relacionada às alterações dos padrões culturais e ideológicos da comunidade de fala. Opõe-se, assim, à concepção de língua como sistema homogêneo e autônomo que se impõe unitariamente a todos os falantes da comunidade lingüística indistintamente. Esse conceito permite superar a dicotomia sincronia e diacronia no sentido que havia adquirido no estruturalismo, uma vez que a análise sincrônica deve-se fundamentar no conceito de língua como um sistema de regras variáveis, no qual um contínuo processo de variação e mudança opera na estrutura lingüística (MARGOTTI, 2003, p. 150).

William Labov, em seus estudos sociolinguísticos, direcionados para a relação entre língua e sociedade, sistematizou as variações ocasionadas na língua falada, por meio de pesquisas que consideraram fatores extralingüísticos, como classe social, idade, sexo e escolaridade, no sentido de demonstrar a interlocação entre o conteúdo lingüístico do falante e o meio social em que vive. Valeu-se de um método inédito: o estatístico; comprovando que a variação existe em todas as línguas naturais humanas, sendo inerente ao sistema lingüístico e ocorrendo na fala de uma comunidade, ou até mesmo, de uma mesma pessoa. Seu estudo permitiu concluir que a variação sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa (LABOV, 1972). A esse respeito, afirma:

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está de fato provada. É da existência de qualquer outro tipo de comunidade que se pode duvidar... a heterogeneidade não é apenas comum, é também o resultado natural de fatores lingüísticos básicos. Alegamos que é a ausência de alternância de registro e de sistemas multi-estratificados de comunicação que seria disfuncional (LABOV, 1972, p. 203).

Segundo Tarallo (2006, p. 8), as variantes lingüísticas são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável lingüística”. O referido autor cita como exemplo de variável lingüística, no português falado do Brasil, a marcação do plural no sintagma nominal, a qual se realiza por meio de duas variantes lingüísticas, “as adversárias do campo de batalha da variação”: a presença do segmento fônico /s/, e a ausência desse segmento, ou seja, a forma “zero” /ø/. As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Pode-se dizer que, no exemplo acima, a variante [s] é considerada padrão, conservadora e de prestígio; enquanto que, a variante [ø] é inovadora, estigmatizada e não-padrão (TARALLO, 2006, p. 8-12).

Para Mollica e Braga,

Antes de tudo, o linguista deve compreender como se caracteriza uma determinada variação de acordo com as propriedades da língua, verificar seu *status* social positivo ou negativo, entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em competição acham-se em processo de mudança, seja no sentido de avanço, seja no sentido de recuo da inovação. [...] deve definir se o caso é de variação estável ou de mudança em progresso (MOLLICA; BRAGA, 2004, p. 10).

Para Camacho (2001, p. 60), a diversidade lingüística não se limita a determinações motivadas por origem sociocultural e geográfica, visto que um mesmo indivíduo pode empregar alternadamente diferentes formas lingüísticas, de acordo com a variação das circunstâncias da interação verbal, inserindo-se o contexto social, o assunto tratado, a identidade social do interlocutor etc., isto é, um mesmo indivíduo pode fazer diferentes usos da língua dependendo da situação, de quem é seu interlocutor e de suas intenções. Dessa forma, a heterogeneidade lingüística se explica também por meio de variação social e estilística.

O estudo de qualquer comunidade lingüística identificará diversidade ou variação, caracterizada pelo emprego de diferentes modos de falar, ou das denominadas variedades lingüísticas, identificadas na língua falada de qualquer comunidade. Para a Sociolinguística, essa diversidade é tida como uma qualidade constitutiva do fenômeno lingüístico (ALKMIN, 2006).



Alkmin (2006, p. 34) afirma que “no plano sincrônico, as variações observadas nas línguas são relacionáveis a fatores diversos: dentro de uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexo diferentes falam distintamente”, portanto estudar a língua em uso no seio das comunidades de fala, em um determinado momento, é correlacionar aspectos linguísticos e sociais. No primeiro contexto, encontram-se arrolados os fatores fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos, pragmáticos e discursivos; no segundo, estão os fatores relacionados ao indivíduo (sexo, idade e etnia) e aos aspectos sociogeográficos (região, escolaridade, renda, profissão e classe social).

Dessa forma, a Sociolinguística irá investigar as diferenças diatópicas (geográficas) e diastráticas (diferenças entre os distintos estratos socioculturais de uma comunidade linguística), objetivando conhecer melhor a língua que falamos e os fatores internos e externos à linguagem que contribuem para as mudanças que se processam. Essas diferenças linguísticas dentro de uma mesma comunidade de fala são motivadas por fatores extralinguísticos, como: origem geográfica, *status* socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho, redes sociais. Deste modo, correlacionando estes aspectos aos fenômenos linguísticos, tem-se um retrato mais fiel da realidade da língua falada no Brasil e em Portugal.

Os falantes possuem variedades linguísticas próprias da sua região e classe social, sendo que cada variedade pode ser descrita a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (diatópica), que diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observadas em falantes de origens geográficas distintas, e a variação social (diastrática), relacionada a vários fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e com a organização sociocultural da comunidade de fala. A classe social, a idade, o sexo e a situação ou contexto social são fatores extralinguísticos que estão relacionados às variações de natureza social (ALKMIN, 2006, p. 34-36).

Os estudos linguísticos modernos têm revelado que “*não existe erro em língua*, o que existe é variação e mudança, e a variação e mudança não são “acidentes de percurso”: muito pelo contrário, elas são constitutivas da natureza mesma de todas as línguas humanas vivas (...)” (BAGNO, 2002, p. 71-72). Existem formas de uso da língua diferentes daquelas que são impostas pela tradição gramatical. Só se considera erro, em língua, aquilo que compromete a comunicação entre os interlocutores. Deste modo, o ensino da Língua Portuguesa deve propiciar o conhecimento de todas as variedades sociolinguísticas.

Com base nas considerações de Labov (1972), os processos contemporâneos de mudanças ocorridas nas comunidades de fala são imprescindíveis para a Sociolinguística, tendo em vista que esta estrutura vai além de um grupo de pessoas que apenas falam de forma semelhante. Tratam-se, também, de traços linguísticos que distinguem um grupo de falantes de outros, que se comunicam mais entre si do que com os outros e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem.

Assim, a Dialetologia e a Sociolinguística estão alinhadas quanto à heterogeneidade da língua, que se apresenta como um conjunto de variedades, usadas diferentemente, de acordo com a época, o lugar, as características sociais do falante (faixa etária, nível de escolaridade, sexo, classe social, profissão) e a situação de comunicação. Muitas destas variantes são consideradas desprivilegiadas, pois não seguem a norma culta padrão, ou seja, a norma de maior prestígio social, contudo, constituem-se no elemento responsável pelas transformações da língua no tempo e no espaço.

## 2. Aspectos metodológicos

Na presente seção são relacionados os procedimentos metodológicos necessários à execução da pesquisa, de modo a assegurar os objetivos propostos. A delimitação dos parâmetros relacionados à estrutura, métodos e análise dos resultados consideram a base teórica, a coleta de dados, a tabulação e tratamento das informações colhidas, além da disposição e estruturação dos capítulos analíticos. Realiza-se um estudo sob o aspecto semântico-lexical, de análise sociolinguística entre os falares de Cuiabá (BR) e Covilhã (PT). Para a constituição do *corpus* linguístico, optou-se pela aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL), baseado no *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) e complementado por alguns conceitos do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG). O referido questionário é constituído por 178 questões, distribuídas em 13 Campos Semânticos: Acidentes Geográficos, Fenômenos Atmosféricos, Atividades Agropastoris, Fauna, Corpo Humano, Ciclos da Vida, Convívio e Comportamento Social, Religião e Crenças, Jogos e Diversões Infantis, Habitação, Alimentação e Cozinha, Vestuário e Acessórios, Vida Urbana, numa perspectiva onomasiológica. O Questionário Semântico-lexical permite homogeneizar os dados linguísticos de vários informantes para posterior análise comparativa.

As variantes lexicais auscultadas foram compiladas em um banco de dados no Microsoft Excel, versão 2013 e organizadas por campo semântico, mantendo a estrutura da coleta dos dados linguísticos. Em várias circunstâncias registraram-se duas ou mais expressões lexicais para designar o mesmo conceito, remetendo à seleção da primeira para a constituição do *corpus* a ser analisado, por compreender que se trata da designação mais usual pelo entrevistado e a que particulariza o falar local. Uma vez selecionadas as variantes a serem analisadas, foram elaborados os gráficos para traçar um perfil socioeconômico dos informantes, os quais foram distribuídos em três faixas etárias, com base nas recomendações do Projeto NURC<sup>4</sup>: de 25 a 35 anos; 36 a 55 anos; acima de 56 anos e nos seguintes níveis de escolaridade: ensino fundamental, médio, superior e pós-graduação, o que permite realizar uma amostragem diversificada, para detectar e avaliar, com maior precisão, traços lexicais conservadores e inovadores dos falares em estudo.

A distribuição quanto à variável faixa etária, aponta que 10% dos entrevistados na Covilhã possuíam, até a data da entrevista, menos de 35 anos. Outros 64% encaixavam-se na faixa etária entre 36 a 55 anos, seguido de 26% com 56 anos ou mais, como pode ser observado na Figura 1. Para Cuiabá, 22% possuem menos de 35 anos, 44% encontram-se com a idade entre 36 e 55 anos e 34% possuem 56 anos ou mais.

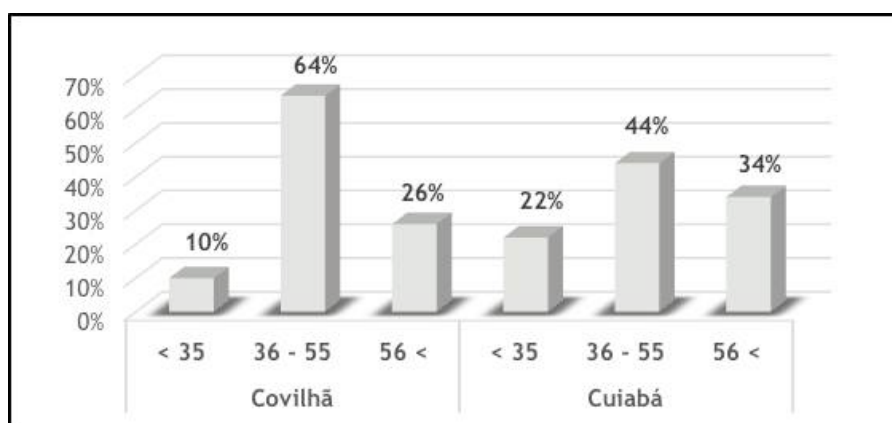


Figura 1. Faixa Etária dos Informantes de Covilhã e Cuiabá, 2013.  
Fonte: Pettenon (2016).

Quanto à variável gênero, houve certa equidade, tendo em vista que a relação de entrevistados masculinos e femininos se manteve próxima, como pode ser observado na Figura 2. No ponto linguístico Covilhã, dentre os 50 entrevistados, ocorreu o registro de 42% de informantes do sexo masculino e 58% do sexo feminino. Para o ponto linguístico Cuiabá, os entrevistados perfazem 46% de homens e 54% de mulheres.

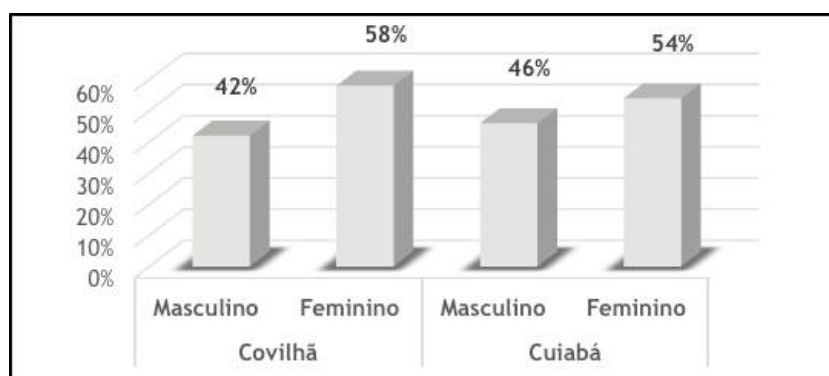


Figura 2. Gênero dos Informantes de Covilhã e Cuiabá, 2013.  
Fonte: Pettenon (2016).

<sup>4</sup> “O Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) teve início em 1969 e vem se desenvolvendo em cinco cidades brasileiras — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Objetiva descrever os padrões reais de uso na comunicação oral adotados pelo estrato social constituído de falantes com escolaridade de nível superior. O Projeto NURC está vinculado, quanto à metodologia e aos objetivos, ao Proyecto de Estudio Conjunto y Coordinado de la Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica. Fonte: <<https://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/ALib/ALibNurc>>.

No que diz respeito à variável escolaridade, a grande maioria dos informantes entrevistados, em ambos os pontos linguísticos, não possui ensino superior. Na Covilhã, somam 76%, sendo 40% com ensino fundamental e 36% com ensino médio. Os demais 24% possuem ensino superior e destes, 8% são pós-graduados. Para Cuiabá, o percentual de informantes sem nível superior é de 78%, mantendo os mesmos 40% com ensino fundamental e 38% com ensino médio. Outros 22% possuem nível superior e destes 12% possuem pós-graduação em alguma área do conhecimento (Figura 3).

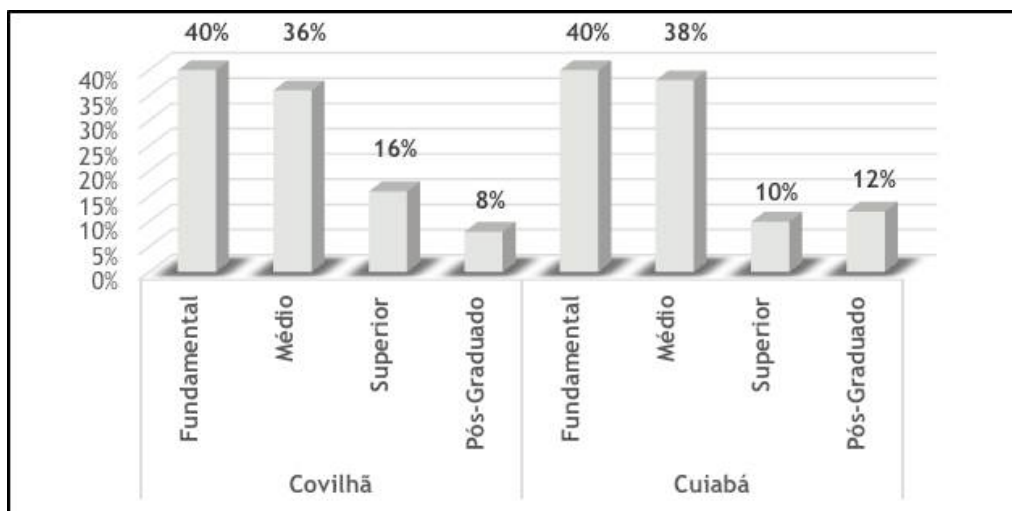


Figura 3. Escolaridade dos Informantes de Covilhã e Cuiabá, 2013.

Fonte: Pettenon (2016).

Na Figura 4, registra-se a naturalidade dos informantes responsáveis pela composição do *corpus* linguístico. Cabe ressaltar que a maioria é natural e residente da localidade em estudo, como preconiza a Geolinguística, fato que enriquece a investigação dialetal. Dentre os 50 informantes cuiabanos, 66% são considerados nativos, ou seja, cuiabanos de “Chapa e Cruz”. O homem cuiabano de “Chapa e Cruz” não se restringe somente aos nascidos dentro dos limites geopolíticos do município de Cuiabá, mas, genericamente, a todos aqueles que, além de nascidos na área de alcance da Baixada Cuiabana, têm um passado genealógico e cultural ligado ao mesmo *habitat* e sempre viveram e vivem em contato diário e, para alguns, exclusivo com o linguajar nativo de seus pares” (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005, p. 24). Os 14%, apesar de residirem em Cuiabá, nasceram em municípios que compõem seu entorno. Apenas 20% são oriundos de outros estados brasileiros.

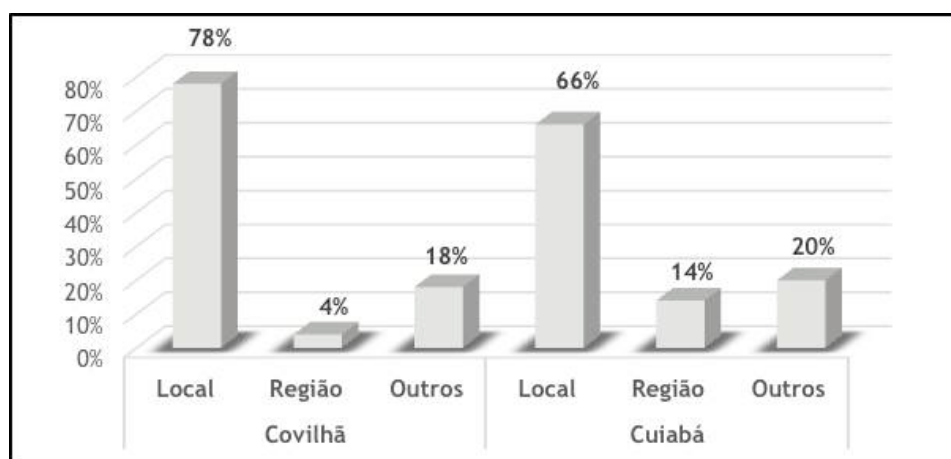


Figura 4. Naturalidade dos Informantes de Covilhã e Cuiabá, 2013.

Fonte: Pettenon (2016).

No ponto linguístico Covilhã, dentre os 50 informantes observados, 78% são considerados nativos, por terem nascido e ainda residirem no local. Outros 4%, apesar de residirem na Covilhã, nasceram na região, ou nos

municípios ao entorno, e somente 18% são nativos de outras regiões ou países. Desta forma, quando da referência nas cartas lexicais das questões, a nomenclatura infere que se trata das variantes informadas pelos 66% dos cuiabanos e 78% dos covilhanenses.

A finalidade desta análise consiste na identificação de possíveis tendências inovadoras ou conservadoras nos pontos linguísticos Cuiabá e Covilhã, com base na Teoria da Variação Linguística de William Labov. No que se refere à variável gênero, Labov (1972) conclui que as mulheres estão mais predispostas a inovar, quando comparadas aos homens, por serem mais propensas ao emprego da norma padrão ou de maior prestígio, diferentemente dos homens que tendem a empregar formas estigmatizadas com maior frequência. Tal fato está atribuído à preocupação das mulheres com as normas locais e seu papel na estrutura social, o que proporciona maior consciência em relação às formas de prestígio, tanto na fala concreta, quanto em suas atitudes, em todas as classes sociais. Em complemento, Chambers e Trudgill (1980) atribuem às mulheres todas as tendências de mudanças em direção às formas de prestígio, enquanto que os homens lideram as mudanças que tendem a abandonar o uso de alguma forma padrão.

Contudo, Labov (1982) afirma que, apesar da maioria das mudanças linguísticas serem estimuladas pelas mulheres, proporcionalmente uma geração à frente dos homens, a questão da mudança linguística nem sempre pode ser identificada de forma clara. Neste caso, "é importante ter em mente que essa propensão das mulheres para as formas de maior prestígio (no sentido do padrão normativo) é limitada àquelas sociedades em que as mulheres desempenham um papel na vida pública", caso contrário, esse comportamento tende a não ser identificado (LABOV, 1981, p. 184). Nestes termos, para este estudo, a variável gênero tem sua indicação considerada quando esta convergir com alguma tendência indicada nos grupos etários, escolarização ou naturalidade.

Quanto à faixa etária, a distribuição em tempo aparente de William Labov acrescenta a dimensão histórica ao estudo da variação linguística. Quando a correlação da variante em questão ao fator idade for constatada, identifica-se alguma tendência, seja ela inovadora ou conservadora, de acordo com a distribuição nos grupos etários. Por exemplo, se o uso da variante inovadora for mais frequente entre os mais jovens, decrescendo em relação aos informantes mais velhos, identifica-se uma tendência de mudança em progresso, uma vez que aqueles de maior idade tendem a empregar a variante conservadora na medida em que o percentual decresce para a variante inovadora. Neste caso, identifica-se uma correlação do tipo curvilínea, linearmente decrescente, a partir de um dos grupos etários mais jovens (TARALLO, 2006; LABOV, 2008).

No entanto, a tendência pode ser conservadora quando a correlação se apresentar de forma curvilínea, linearmente crescente dos mais jovens para os mais velhos, ou apenas indicar um processo de variação estável quando a faixa etária intermediária apresentar os maiores indicadores. Isso tende a ocorrer em virtude da inserção dos jovens no mercado de trabalho e a predileção neste ambiente pela norma de maior prestígio social, uma pressão que deixa de ocorrer com a aposentadoria. Este comportamento explica a incidência de percentuais baixos nos grupos mais jovens e mais velhos, contrário ao grupo intermediário, responsável por uma variação estável, dada a repetição do fenômeno a cada geração futura (LABOV, 1981; LUCCHESI, 2001).

Outro fator com contributo importante para a inovação linguística consiste no nível de escolaridade, uma vez que a escola provoca mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam. Por outro lado, estimula a preservação das formas de prestígio, toda vez que esta for a norma empregada em uma comunidade de fala. Apesar da escolarização ser correlata, tanto aos mecanismos de promoção quanto de resistência à mudança, é considerada propagadora da norma de maior prestígio social (VOTRE, 2003). Significa dizer que, quanto maior for o nível de escolaridade, maior tende a ser a predileção pela variante de prestígio e as duas formas de correlação mencionadas tendem a apresentarem-se graficamente da seguinte maneira: *i)* se a variante em questão na comunidade de fala for aquela considerada de prestígio, a curva tende a ser linearmente crescente, do menor nível de escolaridade para o maior; *ii)* no caso da variante mais empregada ser a considerada estigmatizada, a curva tende a ser linearmente decrescente, do menor nível de escolaridade para o maior.

Para finalizar, o grupo de variáveis extralinguísticas consideradas nesta pesquisa, a origem dos informantes também tem parcela no contributo à inovação ou preservação da variedade linguística. De acordo com Alvar (1961), estruturas linguísticas locais são mais delimitadas às circunscrições geográficas e, portanto, menos influenciadas pela variedade regional, bem como de outras regiões ou países. Este fator contribui para a preservação da norma vigente na comunidade, de modo a haver uma tendência conservacionista quando considerados apenas os informantes nativos. Esta percepção é compartilhada por Brandão (1991) quando afirma

que, para a determinação dos traços linguísticos de uma localidade, deve-se considerar a preferência por informantes nativos, que não tenham morado mais de 1/3 de sua vida em outras regiões (comunidades de fala). Quando o horizonte se amplia para a região, há a possibilidade da inserção de variantes inovadoras, tendência acentuada quando se trata de informantes de outras regiões ou países.

A inovação é graficamente identificada quando a curva se apresentar linearmente crescente, dos informantes locais (nativos) para os oriundos de outras regiões ou países. Ao contrário, a tendência conservadora apresenta uma curva linearmente decrescente, dos informantes locais para aqueles advindos de outras regiões ou países. Quanto à estruturação, todas as variantes são consideradas para efetivo cálculo dos percentuais nos grupos de cada variável extralinguística. No entanto, são analisadas vinte variantes que indicam alguma tendência, em pelo menos um dos locais de estudo, por meio de exposições gráficas, com base na sequência proposta pelo QSL.

### 3. Análise sociolinguística

Esta seção contempla a análise das variáveis extralinguísticas, em correlação com as variantes obtidas junto aos informantes inquiridos nos pontos linguísticos de Cuiabá e Covilhã. Contudo, nem todas as variantes apresentam algum tipo de alteração em sua condição. Para subsidiar a análise em questão, os gráficos dispostos tomam em conta apenas as variantes que apresentam alguma tendência, ou seja, que indicam mudança ou conservação da variante linguística em ambos os locais.

Um fator importante considerado consiste nas constatações expostas nos gráficos das Figuras 5 e 6, em que é possível verificar como o nível de escolaridade e a naturalidade estão correlacionados com uma das faixas etárias contempladas na pesquisa. A maioria dos informantes, com 56 anos de idade ou mais, possuem no máximo ensino fundamental completo, ou seja, os informantes mais velhos também são os que apresentam o menor nível de escolaridade, em mais da metade dos casos, como pode ser observado na Figura 5.

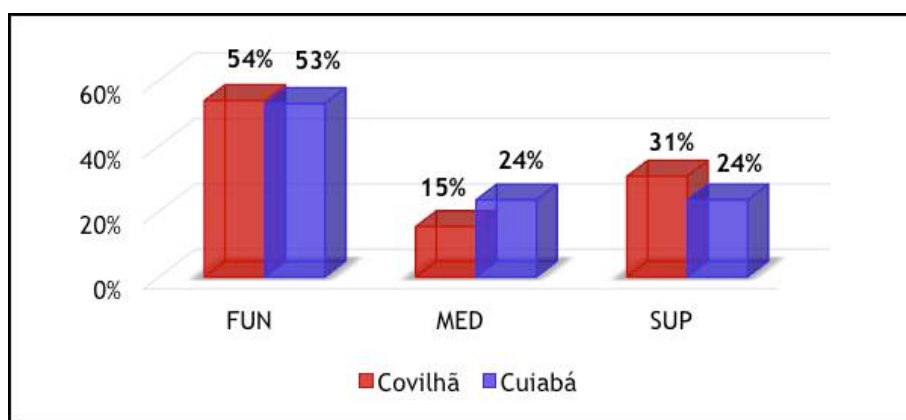


Figura 5. Nível de Escolaridade dos Informantes com 56 anos ou mais.  
Fonte: Pettenon (2016).

No ponto linguístico Covilhã, 54% dos informantes com 56 anos ou mais possuem, no máximo, ensino fundamental, 15% possuem ensino médio e 31% possuem nível superior; em Cuiabá, a tendência é correspondente. Trata-se de um fator condicionante de significativa importância, na medida em que se pode correlacioná-lo às premissas de William Labov e, assim, considerar as variantes informadas pelos inquiridos mais velhos correspondentes àquelas provenientes do menor nível de escolaridade. Sob esses aspectos, nos pontos linguísticos estudados, o nível de escolaridade inferior tem contribuído para a preservação da língua, por outro lado, as mudanças em progresso a que se refere o mesmo autor e, atribuídas por ele aos mais novos, ficam a cargo daqueles com maior nível de escolaridade.

No que se refere à naturalidade dos informantes, a tendência também é correspondente em ambos os pontos linguísticos, ou seja, os informantes com 56 anos de idade ou mais, além de residentes, são nativos dos locais de estudo (Figura 6). Em sua totalidade, são 69% naturais de Covilhã e 65% de Cuiabá, seguidos de 8% e 6% nascidos na região, além de 23% e 29% de outras regiões ou países, respectivamente.

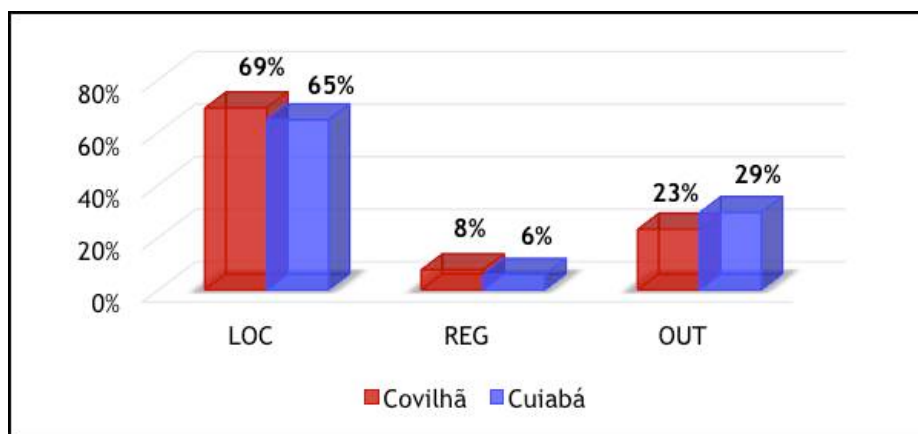


Figura 6. Naturalidade dos Informantes com 56 anos ou mais.  
 Fonte: Pettenon (2016).

Adotando-se os mesmos critérios para o nível de escolaridade, é possível considerar que as variantes informadas pelos mais velhos correspondem, na maioria dos casos, àquelas provenientes dos nativos. Sob esse aspecto, nos pontos linguísticos estudados, a variável naturalidade também tem seu contributo para a preservação da língua; os nascidos nos locais de estudo tendem a preservar as variantes mais conservadoras, por outro lado, os indivíduos vindos de outras regiões ou países tendem a adicionar novas variantes à norma vigente das comunidades de fala.

Destarte, com base no que foi exposto nos aspectos metodológicos, referente às variáveis gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade, bem como a correlação exposta nas figuras 5 e 6, é possível estabelecer alguns padrões importantes acerca de prováveis mudanças linguísticas em curso nos locais de estudo. Quanto maior for a diferença dos percentuais nos grupos de variáveis, mais evidentes são as tendências, ou seja, caso uma variante tenha sido informada, principalmente, por mulheres, com percentual em ordem decrescente dos mais jovens para os mais velhos, por aqueles com maior nível de escolaridade e naturais de outras regiões ou países, identifica-se uma mudança em progresso. Por outro lado, com percentual em ordem crescente dos mais jovens para os mais velhos, por aqueles com menor nível de escolaridade e nativos dos locais de estudo, identifica-se a conservação da variante em questão (de maior frequência), no entanto, se está diante de uma mudança em potencial a partir do momento em que a geração mais velha for sendo sobreposta.

A partir dos dados expostos na Figura 7, da correlação entre a variante linguística *pinguela* e as variáveis extralinguísticas em Cuiabá, identifica-se um percentual mais elevado em meio ao gênero masculino (83%), assim como apresenta percentual linear crescente dos mais jovens (36%) para os mais velhos (94%). Ainda, fora a resposta da maioria dos informantes que possuem até o nível fundamental (75%) e de 70% dos cuiabanos de “Chapa e Cruz”, corroborado por 80% dos informantes de outras regiões ou países (70% percentual elevado entre os nativos). Estas particularidades são responsáveis por uma tendência conservadora da variante *pinguela*, a qual poderá ser substituída no futuro pela variante *ponte*, considerada de maior prestígio, vinculada pelos meios de uniformização linguística: a escola e a mídia. A interdependência das variáveis faixa etária e nível de escolaridade sugere, inclusive, uma mudança em potencial nesta comunidade de fala.

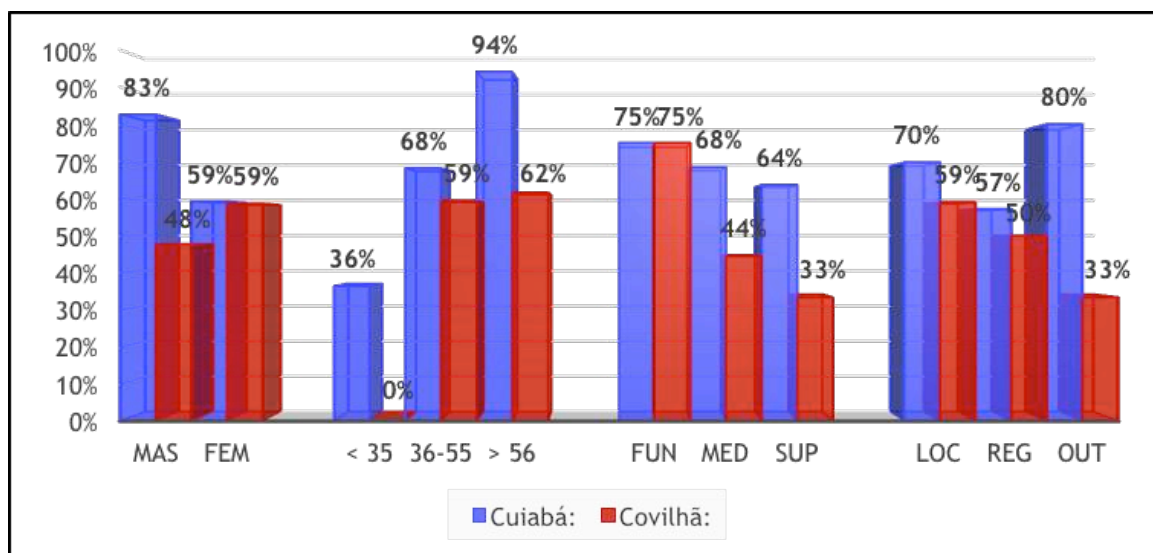


Figura 7. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Pinguela/Pontão em Cuiabá e Covilhã.  
 Fonte: Pettenon (2016).

No ponto linguístico Covilhã, a variante *pontão*, embora não apresente diferença expressiva quanto à variável gênero, exprime tendências conservadoras quando correlacionada com as variáveis extralinguísticas faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes. Apesar de conservada entre os mais velhos (62%) e, mesmo na faixa etária intermediária (59%), não há registro da referida variante entre os mais jovens, o que indica o possível desaparecimento da mesma com o passar do tempo. O nível de escolaridade e a naturalidade dos informantes apresentam percentual linearmente decrescente e, da mesma forma, contribuem para a contemporização da variante em questão. A distribuição em tempo aparente mostra claramente que as variantes *pinguela/pontão* ainda estão sendo utilizadas entre os falantes mais velhos nesta comunidade de fala. Entretanto, a equivalência das variáveis faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade sugere uma mudança em potencial nesta comunidade de fala portuguesa.

A partir da correlação da variante *lamaçal* ao fator gênero, exposta na Figura 8, evidencia-se total simetria entre o grupo masculino (43%) e feminino (44%), tornando a variável estatisticamente irrelevante sob este aspecto em Cuiabá. No que concerne à variável faixa etária, verifica-se uma elevação no percentual correspondente à idade intermediária (55%), ao mesmo tempo em que mantém o equilíbrio entre os mais jovens (36%) e os mais velhos (35%), um fator que indica variação estável.

Entretanto, as principais diferenças são evidenciadas nas variáveis nível de escolaridade e naturalidade: a variante *lamaçal* fora informada por 45% dos inquiridos com nível fundamental e 64% daqueles com nível superior. A diferença é acentuada e linearmente crescente se observada a variável naturalidade, ou seja, apenas 33% dos nativos corroboram com a variante de maior frequência, percentual elevado a 43% dos nascidos nas regiões próximas a Cuiabá e a 80% daqueles naturais de outras regiões, estados ou países. De acordo com Pettenon (2016), a variante de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” fora *tijuco*, proveniente da língua “tupi tu’yuca ‘lameiro, charco” utilizada como base para a denominação de um dos bairros de Cuiabá (Tijucal). Este fato também justifica os percentuais pouco expressivos registrados entre o grupo de menor escolarização e nativos deste local em estudo.

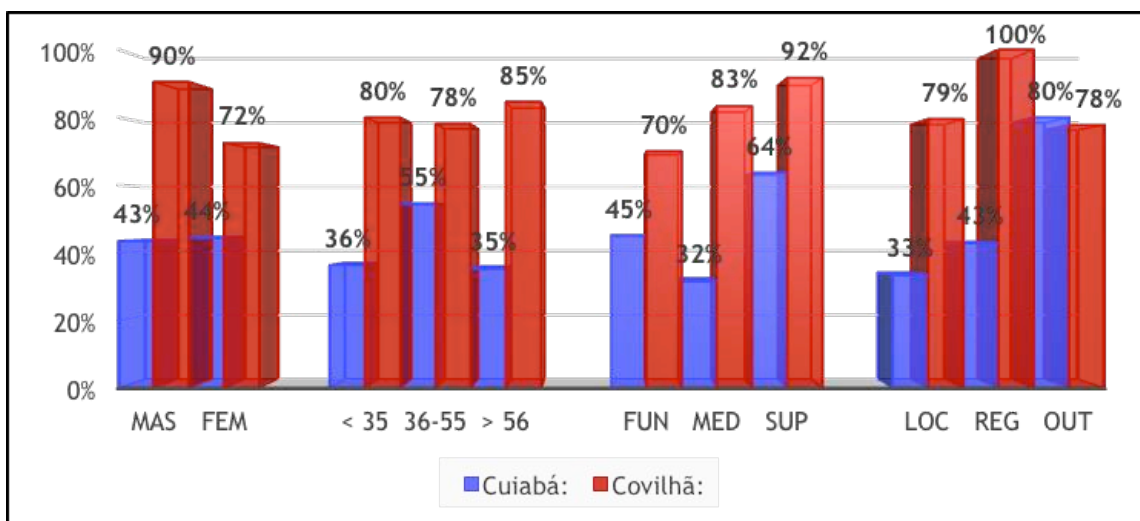


Figura 8. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Lamaçal em Cuiabá e Covilhã. Fonte: Pettenon (2016).

Para Covilhã não se identificam tendências a mudanças em relação à variante *lamaçal*, apesar de percentual distinto entre o grupo masculino (90%) e feminino (72%) e crescente entre os níveis de escolaridade: do fundamental (70%) para o superior (92%). Outrossim, apresenta percentuais semelhantes e elevados nos grupos etários, bem como, relativo à naturalidade, de modo a inferir que a referida variante é considerada padrão, conservadora e de maior prestígio nesta comunidade de fala.

A Figura 9 expõe a correlação da variante *pedra* com os fatores extralinguísticos selecionados e contempla situações distintas em cada local de estudo. Em Cuiabá, não há tendência à inovação por indicação de gênero ou faixa etária, uma vez que apresenta percentuais equilibrados. Quanto à naturalidade, também não há diferença expressiva entre os percentuais e, portanto, apenas a variável nível de escolaridade não é suficiente para indicar algum processo de mudança para a variante em questão. Neste contexto, conclui-se que a lexia *pedra* se apresenta como a padrão e de maior prestígio na comunidade de fala, eleita pelos três grupos etários, com tendência à conservação entre as próximas gerações em Cuiabá.

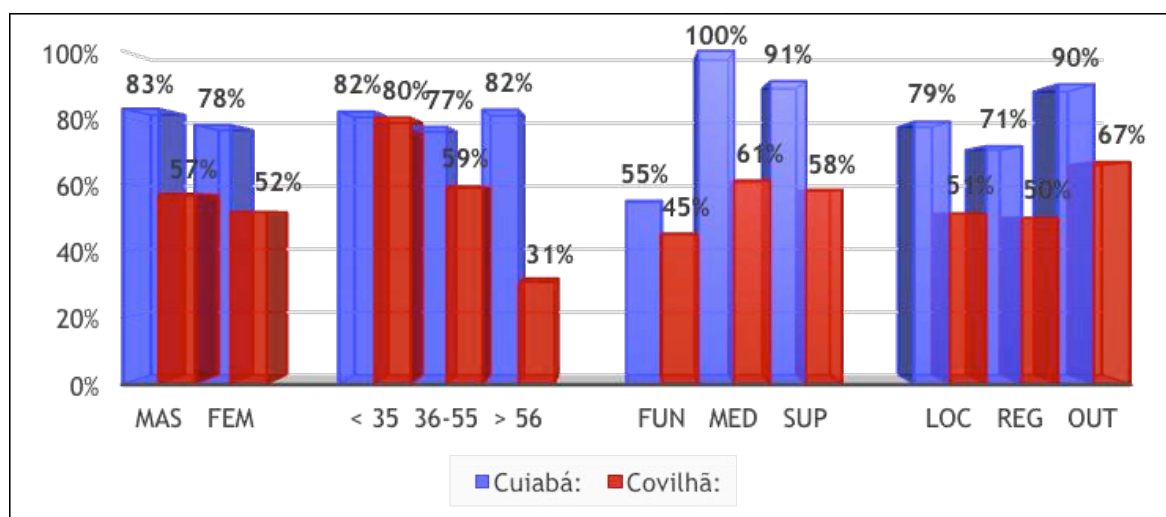


Figura 9. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Pedra em Cuiabá e Covilhã. Fonte: Pettenon (2016).

Por outro lado, na Covilhã, as variáveis faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade apontam para uma tendência inovadora, apesar do equilíbrio entre os gêneros masculino (57%) e feminino (52%). A distribuição da



variante *pedra*, em tempo aparente, apresenta percentual linear decrescente dos mais jovens (80%) para os mais velhos (31%), associado a um percentual mais elevado entre os dois grupos de informantes de maior nível de escolaridade, bem como, dentre os naturais de outras regiões ou países. Neste caso, com base nas tendências indicadas pelas variáveis extralinguísticas, pode-se inferir que há uma mudança em progresso nesta comunidade de fala, também porque a referida lexia foi assimilada por apenas 31% dos mais velhos, os quais empregam a variante *calhau*, para esta definição.

A partir da correlação da variante *orvalho* ao fator gênero, exposta na Figura 10, evidencia-se total simetria entre o grupo masculino (52%) e feminino (52%), o que torna a variável estatisticamente irrelevante sob este aspecto em Cuiabá. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, permite inferir que há indicativo de mudança em progresso, visto que o ápice de frequência se situa na faixa etária mais jovem (73%), com um decréscimo na faixa intermediária (50%) e no último grupo etário (41%). Em relação ao nível de escolarização e naturalidade dos falantes, identifica-se uma progressão linear unidirecional, fato que contribui para uma tendência de mudança que se processa na comunidade de fala. Entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” há o predomínio de emprego da variante conservadora *sereno*, substituída pela inovadora *orvalho*, possivelmente introduzida no falar cuiabano pelos meios de uniformização da língua: a escola e a mídia. Ainda, a maior frequência de uso da variante *orvalho* está entre os falantes de nível de escolaridade superior (73%) e entre os inquiridos provenientes de outras regiões e ou países (60%), instituída como padrão e de maior prestígio social.

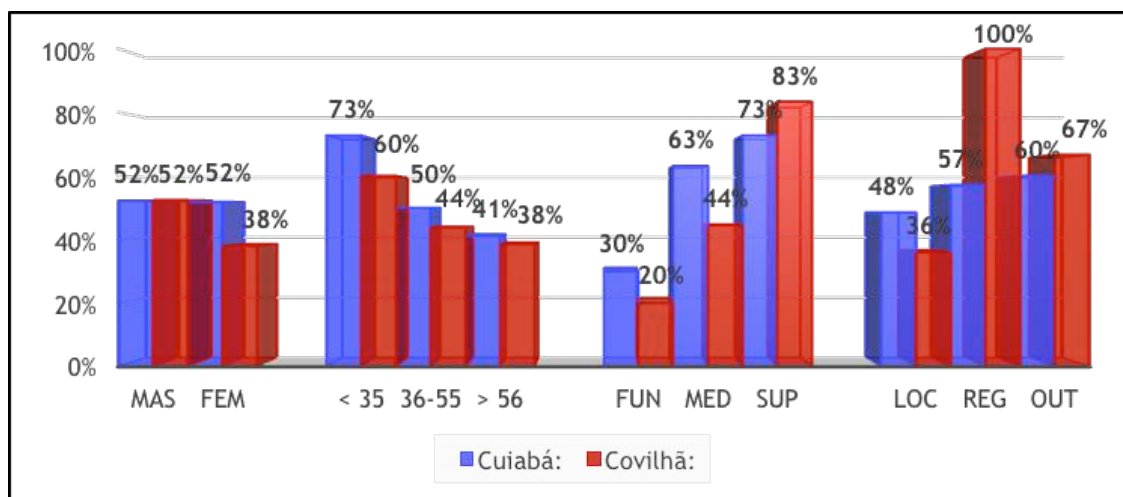


Figura 10. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Orvalho, em Cuiabá e Covilhã.  
Fonte: Pettenon (2016).

No ponto linguístico Covilhã, considerando a distribuição da lexia *orvalho* em tempo aparente, ocorre uma progressão linear decrescente dos mais jovens (60%) para os mais velhos (38%). Quanto à variável escolaridade, apresenta-se de forma linear crescente do nível fundamental (20%) para o superior (83%), complementado por percentuais identificados entre os informantes da região (100%) ou de outras regiões e países (67%). De forma análoga a Cuiabá, apesar de uma diferença não alinhada no que tange ao gênero, a correlação da variante *orvalho* às variáveis sociolinguísticas faixa etária e nível de escolaridade indica uma tendência de mudança em progresso nesta comunidade de fala.

A distribuição da variante *cansação*, em tempo aparente, sugere uma variação estável, visto que o ápice de frequência se situa na faixa intermediária (59%), com um leve decréscimo na última faixa etária (53%), ficando o menor índice de frequência com a faixa etária mais jovem (36%), como pode ser observado na Figura 11. A partir da correlação da variante *cansação* ao fator gênero, evidencia-se que o grupo masculino apresenta percentual mais elevado (57%) em relação ao feminino (48%), fato que sugere sua preferência pela forma estigmatizada nesta comunidade de fala. Contudo, a variável nível de escolaridade apresenta o mesmo padrão curvilíneo, característico do fator faixa etária, cuja curva se acentua no nível intermediário (63%), com um decréscimo, em relação ao grupo com escolaridade superior (55%), indicativo de que são os informantes com maior nível de escolaridade os responsáveis pela conservação da referida variante. Este aspecto pode ser explicado pela correlação da variante *cansação* com a variável naturalidade, ou seja, os maiores percentuais são identificados entre os informantes nativos (58%) e da região (57%), que a define como uma variante conservadora, não padrão e estigmatizada. No entanto, configura-se como a forma linguística mais forte dentro da comunidade. Estas

particularidades são responsáveis por uma tendência conservadora da variante *cansação*, a qual poderá ser suplantada no futuro pela variante inovadora *urtiga*, considerada padrão e de maior prestígio sociolinguístico, vinculada pelos meios de uniformização linguística.

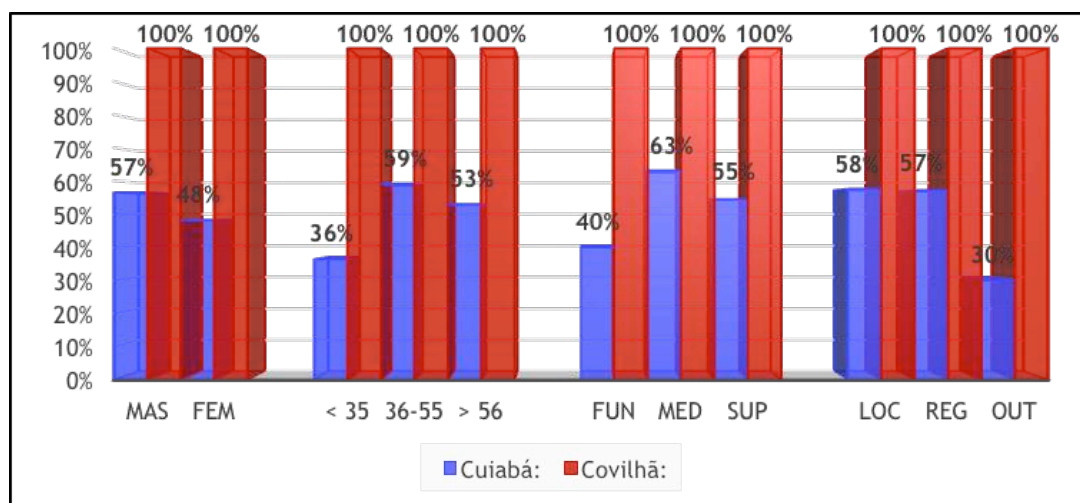


Figura 11. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Cansação/Urtiga(s) em Cuiabá e Covilhã. Fonte: Pettenon (2016).

Na Covilhã evidencia-se, pela correlação da variante *urtiga* (s) às variáveis sociolinguísticas gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, que não há indicativo de mudança em progresso ou de inovação linguística, haja vista que todos os grupos em estudo empregam, categoricamente, a variante *urtiga* (s), apresentada com o percentual de 100%. Pode-se concluir que a mesma não se encontra em fase de mudança, tratando-se de uma variante estável, configurada como conservadora, padrão e, portanto, de maior prestígio sociolinguístico nesta comunidade de fala portuguesa.

A correlação da variante *canga* ao fator extralinguístico gênero, exposta na Figura 12, indica que o grupo masculino apresenta percentual mais elevado (65%) em relação ao feminino (52%), fator que contribui para a permanência da forma conservadora em Cuiabá, neste momento. A distribuição desta variante, em tempo aparente, expõe progressão linear crescente entre os três grupos etários, com menor percentual na faixa etária mais jovem (36%), um leve acréscimo na faixa etária intermediária (45%) e gradação maior na faixa etária mais velha (88%), o que equivale a dizer que, é, este último, o grupo que reflete o uso da variante conservadora *canga*, cujo emprego está subjugado pelos mais jovens, os quais desconhecem o objeto em estudo. Pressupõe-se, assim, que a variante *canga*, apesar de conservada entre os falantes mais velhos, apresenta uma tendência a desaparecer na prática verbal dos jovens cuiabanos.

Quanto ao fator nível de escolaridade, apresenta percentual linear decrescente do nível fundamental (60%) para o superior (55%). A variável naturalidade exhibe percentuais equilibrados entre os informantes nativos (61%) e de outras regiões ou países (60%), com diminuição no percentual de informantes nascidos nas regiões próximas a Cuiabá (43%), particularidades que contribuem para a contemporização da variante em questão. A partir da correspondência entre as variáveis extralinguísticas faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, foi possível identificar a conservação da variante *canga* no falar cuiabano, entretanto, representa uma mudança em potencial, visto que os maiores percentuais são identificados entre os informantes mais velhos (88%), de nível de escolaridade fundamental (60%) e nativos do local em estudo (61%). Trata-se, portanto, de uma variante conservadora, padrão e de maior prestígio sociolinguístico nesta comunidade de fala.

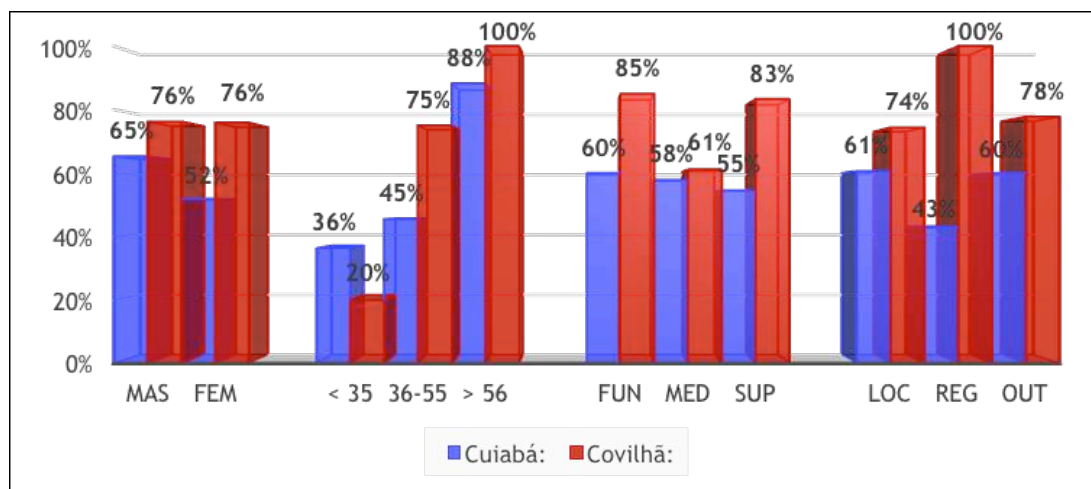


Figura 12. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Canga em Cuiabá e Covilhã.  
 Fonte: Pettenon (2016).

Na Covilhã, a variante *canga* apresenta tendências conservadoras quando correlacionada aos fatores extralinguísticos faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, como pode ser observado na Figura 12. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, é apresentada com uma progressão linear unidirecional entre os grupos etários, com um avanço dramático no grupo mais velho (100%) em comparação ao grupo mais jovem (20%). A análise da variável faixa etária permite, portanto, inferir que o grupo intermediário e o grupo mais velho refletem o uso da variante conservadora *canga*, na medida em que os altos índices de frequência se sobrepõem gradativamente de 75% a 100%. Esses indicativos mostram que a variante *canga*, apesar de conservada entre os falantes mais velhos, se apresenta em fase de desaparecimento na prática verbal dos jovens covilhanenses.

A partir da correlação da variante *canga* ao fator extralinguístico nível de escolaridade, pode-se constatar que os grupos com menor e maior nível de escolaridade, utilizam, quase que categoricamente, a variante conservadora (85% e 83%, respectivamente), enquanto que o grupo com nível de escolaridade média se apresenta com percentual inferior (61%). Em relação à variável naturalidade, não se identifica tendência à inovação, visto que os percentuais estão elevados nos três grupos e, da mesma forma, contribui para a contemporização da variante em questão. Quanto ao fator gênero, evidencia-se total simetria entre o grupo masculino e feminino (76%), o que torna a variável estatisticamente irrelevante sob este aspecto na Covilhã. A interdependência das variáveis faixa etária e nível de escolaridade sugere, inclusive, uma mudança em potencial nesta comunidade de fala portuguesa.

A Figura 13 evidencia, pela correlação da variante *curral* aos fatores sociolinguísticos gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, que não há indicativo de mudança em progresso ou de inovação linguística, visto que todos os grupos em estudo empregam, quase que categoricamente, a variante conservadora, na medida em que apresentam percentuais elevados. Pode-se concluir que a lexia *curral* não se encontra em fase de mudança, trata-se de uma variante estável, instituída como padrão e de maior prestígio na comunidade de fala cuiabana, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações.

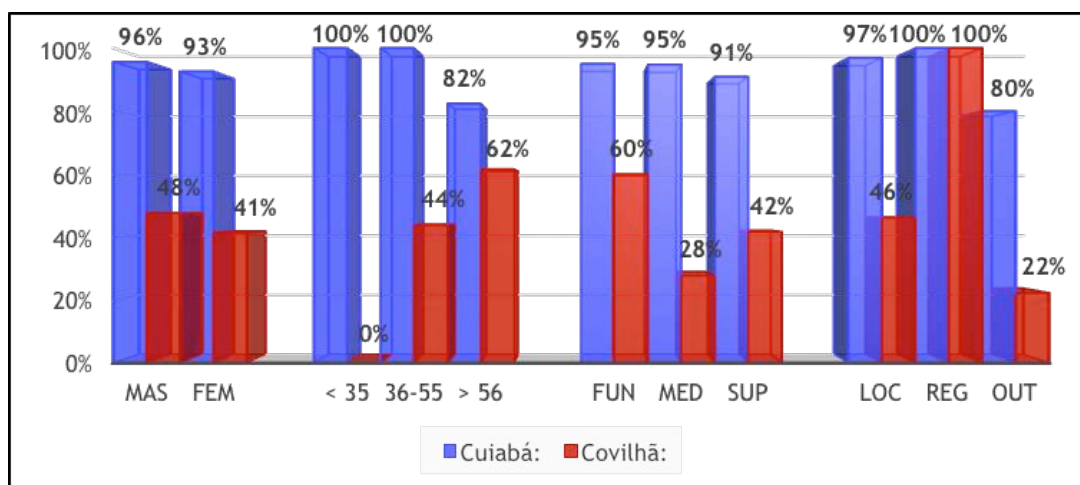


Figura 13. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Curral/Bardo em Cuiabá e Covilhã. Fonte: Pettenon (2016).

No ponto linguístico Covilhã, a variante *bardo* apresenta tendências conservadoras quando correlacionada aos fatores extralinguísticos gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes, como pode ser observado na Figura 13. Ao analisar a distribuição da referida variante, em tempo aparente, evidencia-se que o grupo intermediário e o grupo mais velho refletem o uso da variante conservadora *bardo*, na medida em que os índices de frequência se sobrepõem gradativamente de 44% a 62%. Entretanto, não foi registrada na faixa etária mais jovem, indicativo de que a variante em questão se encontra em fase de desaparecimento na prática verbal dos mais jovens do Concelho da Covilhã, o que poderá indiciar a extinção da sua realização num futuro próximo. Quanto ao fator gênero, constata-se que o grupo masculino apresenta percentual mais elevado (48%) em relação ao feminino (41%), aspecto que sugere a preferência pela forma estigmatizada nesta comunidade de fala.

A correspondência da variante *bardo* ao fator extralinguístico nível de escolaridade indica que o grupo com menor escolarização apresenta percentual mais elevado (60%) em relação ao grupo com escolaridade média (28%) e superior (42%). Considerando a variável naturalidade, o ápice de frequência se situa no grupo composto por indivíduos nascidos nas regiões próximas a Covilhã (100%), com diminuição no índice de frequência para o grupo de informantes nativos (46%) e de outras regiões ou países (22%). Destarte, a correlação da variante *bardo* às variáveis extralinguísticas, permite inferir que são os informantes mais velhos, com menor nível de escolaridade e nativos do local em estudo ou das proximidades, os responsáveis pela permanência da forma conservadora na Covilhã, neste momento. Tais especificidades permitem defini-la como uma variante conservadora, não padrão e estigmatizada, porém, é a forma linguística mais forte dentro da comunidade. Estas particularidades são responsáveis por uma tendência conservadora da variante *bardo*, a qual poderá ser suplantada, no futuro, pela variante inovadora *curral*, considerada padrão e de maior prestígio sociolinguístico, vinculada pelos meios de uniformização linguística.

A partir da correlação da variante *chicote* ao fator gênero, evidencia-se que o grupo feminino apresenta percentual mais elevado (67%) em relação ao masculino (48%), como exposto na Figura 14. Esta particularidade deve-se ao fato de que as mulheres são mais propensas ao emprego da forma inovadora, determinada como padrão e de maior prestígio sociolinguístico, em comparação aos homens. A distribuição da variante *chicote*, em tempo aparente, permite inferir que há indicativo de mudança em progresso, visto que o ápice de frequência se situa na faixa etária mais jovem (82%), com um decréscimo na faixa intermediária (55%) e na faixa etária mais velha (47%).

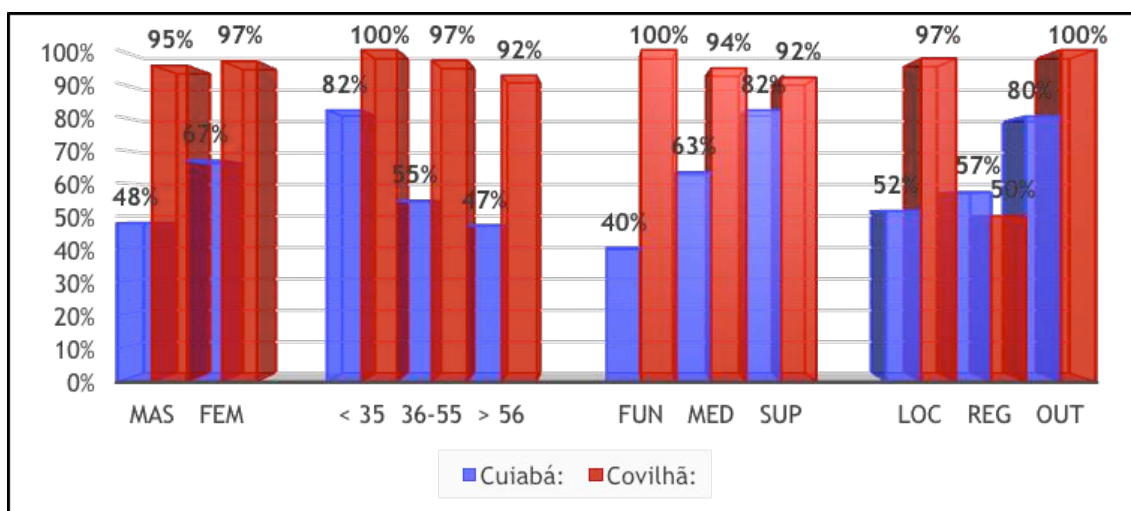


Figura 14. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Chicote em Cuiabá e Covilhã.  
 Fonte: Pettenon (2016).

Quanto à variável escolaridade, identifica-se uma progressão linear crescente entre os três grupos, com um avanço expressivo no grupo com nível de escolaridade superior (82%) em comparação ao grupo com menor escolaridade (40%). Em relação ao fator extralinguístico naturalidade, a maior frequência de uso da variante *chicote* está entre os informantes inquiridos de outras regiões e ou países (80%). Estas especificidades contribuem para uma tendência de mudança que se processa na comunidade de fala. A variante *piraim*, identificada por Pettenon (2016) como regionalismo do falar cuiabano, foi suplantada pela forma inovadora *chicote*, estabelecida como padrão e de maior prestígio sociolinguístico, possivelmente internalizada nesta variedade do Português Brasileiro por influência dos meios de uniformização linguística.

A Figura 14 evidencia, pela correlação da variante *chicote* aos fatores sociolinguísticos gênero, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes inquiridos, que não há indicativo de mudança em progresso ou de inovação linguística, visto que todos os grupos em estudo refletem o uso da variante conservadora, na medida em que apresentam percentuais elevados e equilibrados. A partir da relação da variante *chicote* à variável naturalidade, constata-se que os informantes nativos e aqueles nascidos em outras regiões ou países utilizam, categoricamente, a variante conservadora *chicote* (97% e 100%, respectivamente), enquanto que o grupo de indivíduos nascidos nas regiões próximas a Covilhã se apresenta com percentual inferior (50%). Pode-se concluir que a lexia *chicote* não se encontra em fase de mudança, tratando-se de uma variante estável, instituída como padrão e de maior prestígio na comunidade de fala covilhanense, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações.

A partir da correlação da variante *trieiro* ao fator gênero, exposta na Figura 15, evidencia-se total simetria entre o grupo masculino e feminino (52%), o que torna a variável estatisticamente irrelevante sob este aspecto em Cuiabá. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, permite inferir que a faixa etária intermediária e a faixa etária mais velha refletem o uso da variante conservadora, na medida em que apresentam o mesmo índice de frequência (59%), enquanto que a faixa etária mais jovem exibe percentual inferior (27%). Estes indicativos revelam que a variante *trieiro*, apesar de conservada entre os falantes mais velhos, se apresenta em fase de desaparecimento na prática verbal dos jovens cuiabanos, os quais têm predileção por formas linguísticas inovadoras.

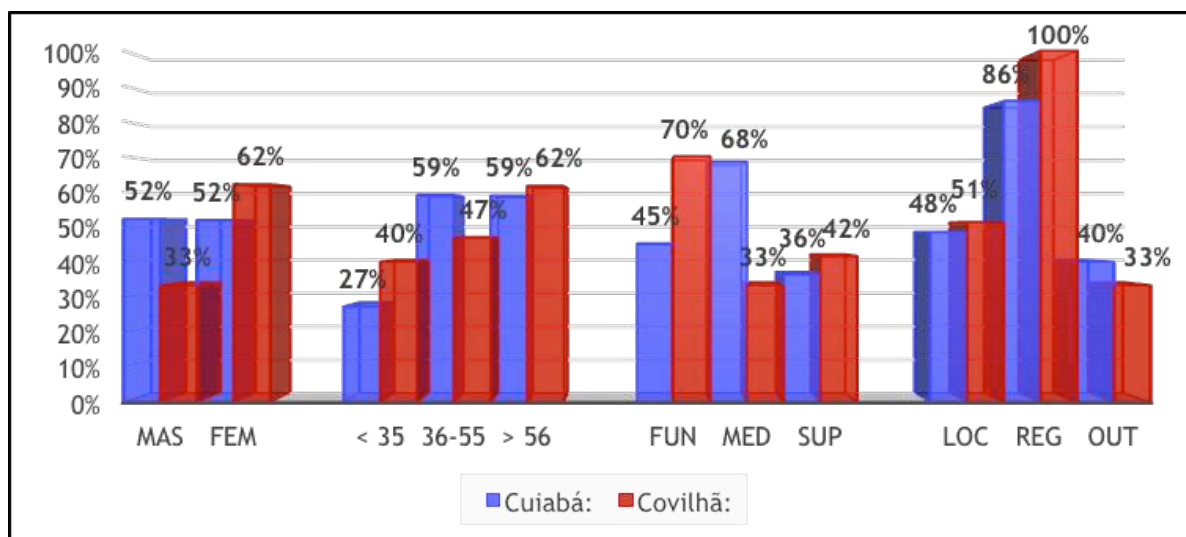


Figura 15. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Trieiro/Vereda em Cuiabá e Covilhã.  
 Fonte: Pettenon (2016).

A variável escolaridade exibe um padrão curvilíneo, cuja curva se acentua no grupo com nível de escolaridade média (68%), com um decréscimo em relação ao grupo com escolaridade inferior (45%) e superior (36%). Neste caso, são os informantes com escolaridade fundamental e média os utilizadores da forma linguística conservadora. De forma análoga, a variável naturalidade apresenta o mesmo padrão curvilíneo característico do fator escolarização, ou seja, o ápice de frequência se situa no grupo intermediário (86%), indivíduos nascidos em regiões próximas a Cuiabá, com um decréscimo em relação ao grupo composto por informantes nativos (48%) e de outras regiões ou países (40%). Estas particularidades são responsáveis por uma tendência conservadora da variante *trieiro*, a qual poderá ser suplantada no futuro pela variante inovadora *trilha/o*, considerada padrão e de maior prestígio sociolinguístico, vinculada pelos meios de uniformização linguística. Cabe ressaltar que, a variante léxica *trieiro*, instituída como conservadora, não-padrão e estigmatizada, é a forma linguística mais forte dentro da comunidade. Inclusive, esta variante consta na obra *Do falar cuiabano*, primeiro estudo descritivo de caráter dialetológico, relativo ao léxico cuiabano, datado de 1978. Destarte, a variante *trieiro*, empregada na acepção de “caminho”, após três décadas, permanece conservada no falar cuiabano.

No ponto linguístico Covilhã, a variante *vereda* apresenta tendências conservadoras quando correlacionada aos fatores extralinguísticos gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, como pode ser observado na Figura 15. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, expõe progressão linear crescente entre os três grupos etários, com menor percentual na faixa etária mais jovem (40%), um leve acréscimo na faixa etária intermediária (47%) e gradação maior na faixa etária mais velha (62%), o que equivale a dizer que é, este último, o grupo que reflete o uso da variante conservadora *vereda*, cujo emprego está subjugado pelos mais jovens, os quais privilegiam as formas linguísticas inovadoras. Quanto ao fator gênero, constata-se que o grupo feminino apresenta percentual mais elevado (62%) em relação ao masculino (33%), visto que as mulheres são mais propensas ao emprego de variantes que correspondem à norma padrão ou de maior prestígio social, contribuindo, neste caso, para a preservação da forma linguística conservadora.

A correspondência da variante *vereda* ao fator extralinguístico nível de escolaridade indica que o grupo com menor escolarização apresenta percentual mais elevado (70%) em relação aos grupos com escolaridade média (33%) e superior (42%). Considerando a variável naturalidade, o ponto alto de frequência se situa no grupo composto por indivíduos nascidos nas regiões próximas à Covilhã (100%), com diminuição no índice de frequência para o grupo de informantes nativos (51%) e de outras regiões ou países (33%). Assim, a correlação da variante *vereda* às variáveis extralinguísticas permite inferir que são os informantes mais velhos, com menor nível de escolaridade e nativos do local em estudo ou das proximidades, os responsáveis pela permanência da forma conservadora na Covilhã, neste momento. Tais especificidades permitem defini-la como uma variante conservadora, padrão e de maior prestígio sociolinguístico. A interdependência das variáveis faixa etária e nível de escolaridade sugere, inclusive, uma mudança em potencial nesta comunidade de fala portuguesa.

No ponto linguístico Cuiabá, a variante *mocho* apresenta tendências conservadoras quando correlacionada aos fatores extralinguísticos faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, como pode ser observado na Figura 16. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, expõe progressão linear crescente entre os três grupos etários, com menor percentual na faixa etária mais jovem (27%), um acréscimo na faixa etária intermediária (64%) e gradação maior na faixa etária mais avançada (76%), o que equivale a dizer que é, este último, o grupo que reflete o uso da variante conservadora *mocho*, cujo emprego está subjugado pelos mais jovens, os quais privilegiam as formas linguísticas inovadoras. Quanto ao fator gênero, constata-se que o grupo feminino apresenta percentual mais elevado (63%) em relação ao masculino (57%). A variável nível de escolaridade exibe um padrão curvilíneo, cuja curva se acentua no grupo com escolarização média (63%), com um decréscimo em relação ao grupo com escolaridade fundamental (60%) e superior (55%). Neste caso, são os informantes com escolaridade fundamental e média os mantenedores da forma linguística conservadora. Em relação à variável naturalidade, o ápice de frequência se situa no grupo composto por indivíduos nascidos nas regiões próximas a Cuiabá (100%), com diminuição no índice de frequência para o grupo de informantes nativos (48%) e de outras regiões ou países (70%). A correspondência da variante *mocho* às variáveis sociolinguísticas faixa etária e nível de escolaridade permite inferir que há indicativo de mudança em potencial nesta comunidade de fala.

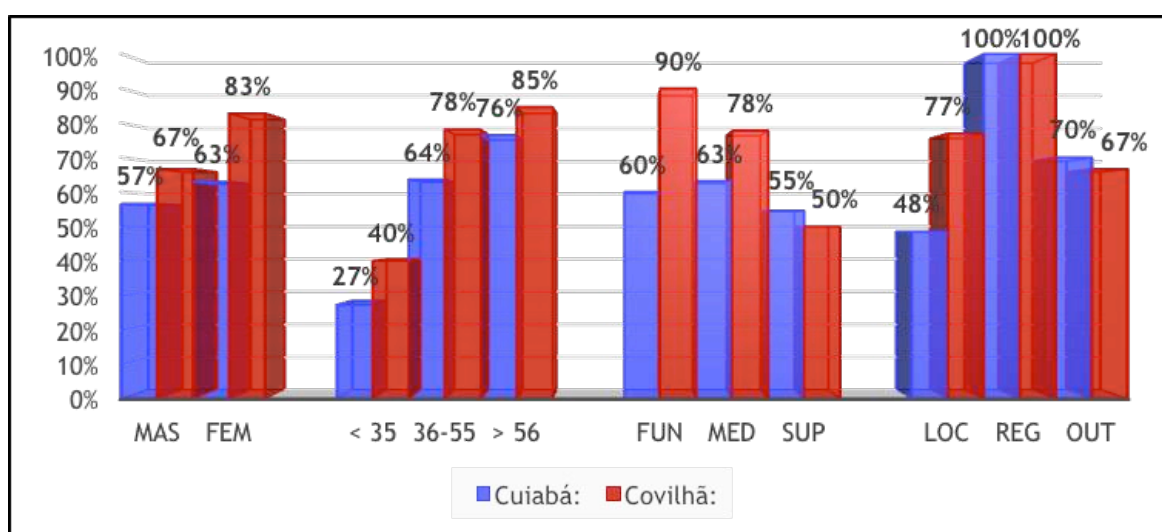


Figura 16. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Mocho em Cuiabá e Covilhã. Fonte: Pettenon (2016).

Na Covilhã, a variante *mocho* apresenta tendências conservadoras quando correlacionada com as variáveis sociolinguísticas faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, como pode ser constatado na Figura 16. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, é apresentada com uma progressão linear unidirecional entre os grupos etários, com um avanço forte no grupo mais avançado (85%) em comparação ao grupo mais jovem (40%), o qual privilegia as formas linguísticas inovadoras. Assim, a análise da variável faixa etária permite inferir que o grupo intermediário e o grupo mais velho refletem o uso da variante conservadora, na medida em que os altos índices de frequência se sobrepõem gradativamente de 78% a 85%. A partir da relação da variante *mocho* ao fator extralinguístico nível de escolaridade pode-se constatar que os grupos com escolarização fundamental e média utilizam, quase que categoricamente, a variante conservadora (90% e 78%, respectivamente), enquanto que o grupo com escolaridade superior se apresenta com percentual inferior (50%) e, da mesma forma, contribui para a contemporização da variante em questão. Considerando a variável naturalidade, o ápice de frequência se situa no grupo composto por indivíduos nascidos nas regiões próximas a Covilhã (100%), com diminuição no índice de frequência para o grupo de informantes nativos (77%) e de outras regiões ou países (67%). Quanto ao fator gênero, verifica-se que o grupo feminino apresenta percentual mais elevado (83%) em relação ao masculino (67%). Destarte, verifica-se que são os informantes mais velhos, com menor nível de escolaridade e nativos do local em estudo ou das regiões próximas à Covilhã, que atualizam a variante *mocho*, contribuindo, neste caso, para a preservação da forma linguística conservadora. Entretanto, a equivalência das variáveis faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade sugere uma mudança em potencial nesta comunidade de fala portuguesa.

Em Cuiabá, a variante *libélula* apresenta tendência inovadora quando correlacionada aos fatores extralinguísticos gênero, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes inquiridos, como pode ser observado na Figura 17. A partir da correlação da variante *libélula* ao fator gênero, constata-se que o grupo feminino apresenta percentual mais elevado (56%) em relação ao masculino (43%). Esta particularidade deve-se ao fato de que as mulheres são mais propensas ao emprego de variantes que correspondem à norma padrão ou de maior prestígio social, contribuindo, neste caso, para a implementação da forma linguística inovadora. A distribuição da variante *libélula*, em tempo aparente, permite inferir que há indicativo de mudança em progresso, visto que os jovens implementam mais a variante inovadora (55%), comparativamente ao segmento etário mais velho (41%).

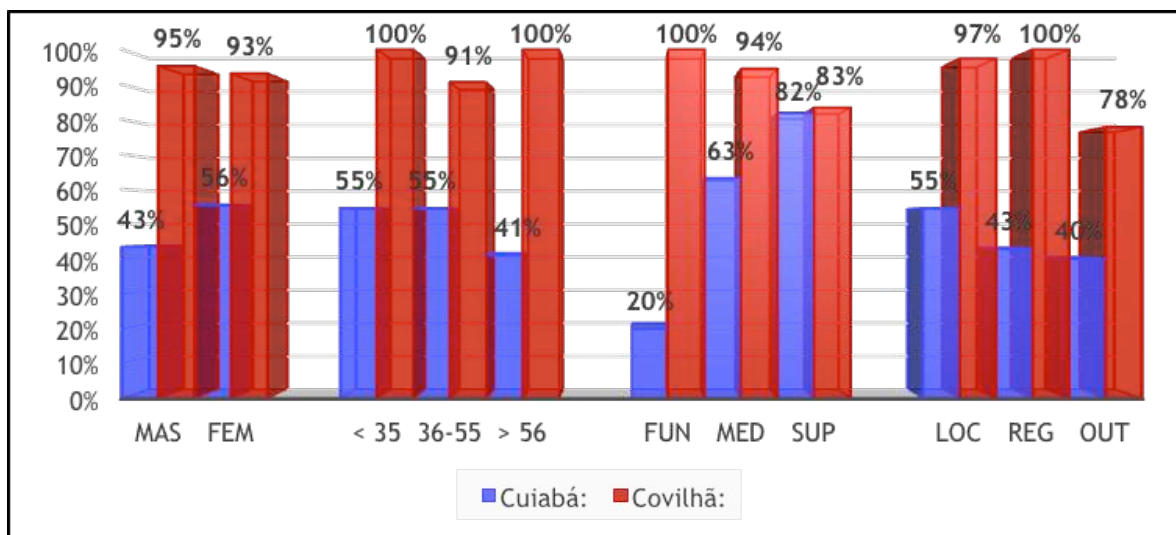


Figura 17. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Libélula/Libelinha em Cuiabá e Covilhã. Fonte: Pettenon (2016).

Quanto à variável escolaridade, identifica-se uma progressão linear crescente entre os três grupos, com um avanço dramático no grupo com nível de escolaridade superior (82%) em comparação ao grupo com menor escolaridade (20%), especificidades que contribuem para uma tendência de mudança que se processa na comunidade de fala cuiabana. A variante léxica *mãe-de-peixe*, regionalismo do falar cuiabano, foi suplantada pela forma inovadora *libélula*, instituída como padrão e de maior prestígio sociolinguístico, possivelmente internalizada nesta variedade do Português Brasileiro por influência dos meios de uniformização linguística.

A Figura 17 evidencia, pela correlação da variante *libelinha* aos fatores sociolinguísticos gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, que não há indicativo de mudança em progresso ou de inovação linguística, visto que todos os grupos em estudo refletem o uso da variante conservadora, na medida em que apresentam percentuais elevados e equilibrados. Pode-se concluir que a variante léxica *libelinha* não se encontra em fase de mudança, trata-se de uma variante estável, instituída como não padrão e estigmatizada, no entanto, configura-se como a forma linguística mais forte dentro da comunidade, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações.

No ponto linguístico Cuiabá, a variante léxica *adolescente* apresenta tendência conservadora quando correlacionada às variáveis gênero, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes inquiridos, como pode ser verificado na Figura 18. A correspondência da referida variante ao fator extralinguístico gênero indica que o grupo masculino apresenta percentual mais elevado (65%) em relação ao feminino (37%), fator que contribui para a permanência da forma linguística conservadora em Cuiabá, neste momento. A análise da distribuição da variante *adolescente*, em tempo aparente, permite inferir que o segmento etário mais velho tem predileção pela forma linguística conservadora (65%), comparativamente às faixas etárias intermediária (50%) e jovem (27%). Quanto à variável escolaridade, apresenta-se de forma linear decrescente do nível fundamental (70%) para o superior (27%), especificidades que pressupõem uma mudança em potencial na comunidade de fala cuiabana, independentemente do comportamento linear crescente no que se refere à naturalidade dos indivíduos entrevistados.



Na Covilhã, a variante *rapariga* apresenta tendência conservadora quando correlacionada aos fatores extralinguísticos gênero, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes inquiridos, como pode ser observado na Figura 18. A partir da correspondência da referida variante ao fator gênero, constata-se que o grupo feminino apresenta percentual mais elevado (45%) em relação ao masculino (29%). Esta característica deve-se ao fato de que as mulheres são mais propensas ao emprego de variantes que correspondem à norma padrão ou de maior prestígio social, contribuindo, neste caso, para a preservação da forma linguística conservadora.

A distribuição em tempo aparente expõe progressão linear crescente entre os três grupos etários, com menor percentual na faixa etária mais jovem (20%), um acréscimo na faixa etária intermediária (34%) e gradação maior na faixa etária mais velha (54%), o que equivale a dizer que é, este último, o grupo que reflete o uso da variante conservadora *rapariga*, cujo emprego está subjugado pelos mais jovens, os quais privilegiam as formas linguísticas inovadoras.

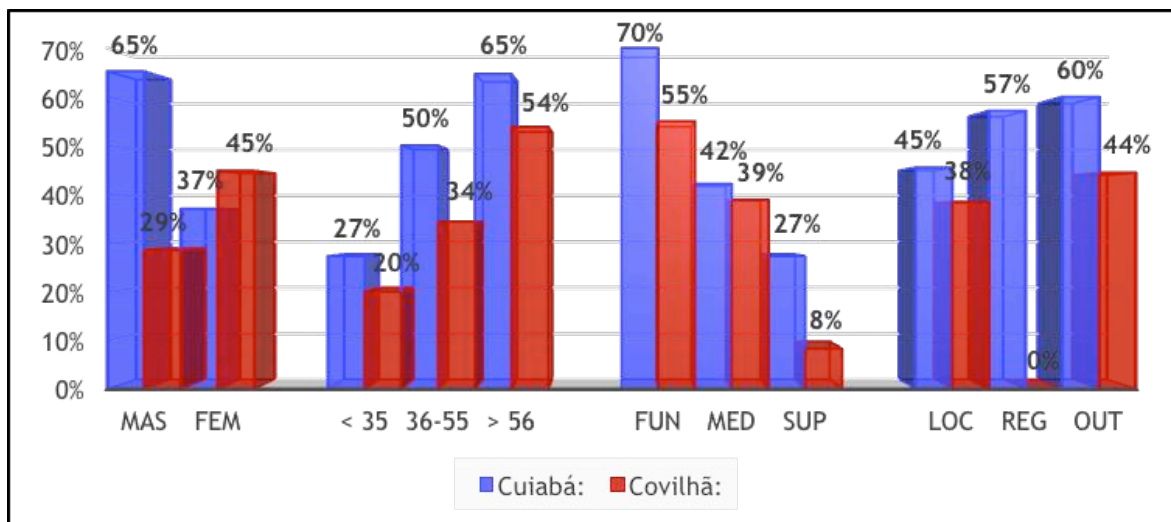


Figura 18. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Adolescente/Rapariga em Cuiabá e Covilhã. Fonte: Pettenon (2016).

Assim, pressupõe-se que a variante *rapariga*, apesar de conservada entre os falantes mais velhos, apresenta uma tendência a desaparecer na prática verbal dos jovens covilhanenses. O fator extralinguístico nível de escolaridade indica que o grupo com menor escolarização apresenta percentual mais elevado (55%) em relação aos grupos com escolaridade média (39%) e superior (8%). Tais particularidades sugerem uma mudança em potencial nesta comunidade de fala portuguesa.

A Figura 19 evidencia, pela correlação da variante *bituca* aos fatores sociolinguísticos gênero, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes inquiridos, que não há indicativo de mudança em progresso ou de inovação linguística, visto que todos os grupos em estudo refletem o uso da variante conservadora, na medida em que apresentam percentuais equilibrados. Pode-se concluir que a variante léxica *bituca* não se encontra em fase de mudança, tratando-se de uma variante estável, instituída como não padrão e estigmatizada, no entanto, configura-se como a forma linguística mais forte dentro da comunidade de fala cuiabana, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações, independente do comportamento linear crescente no que se refere à naturalidade dos indivíduos entrevistados.

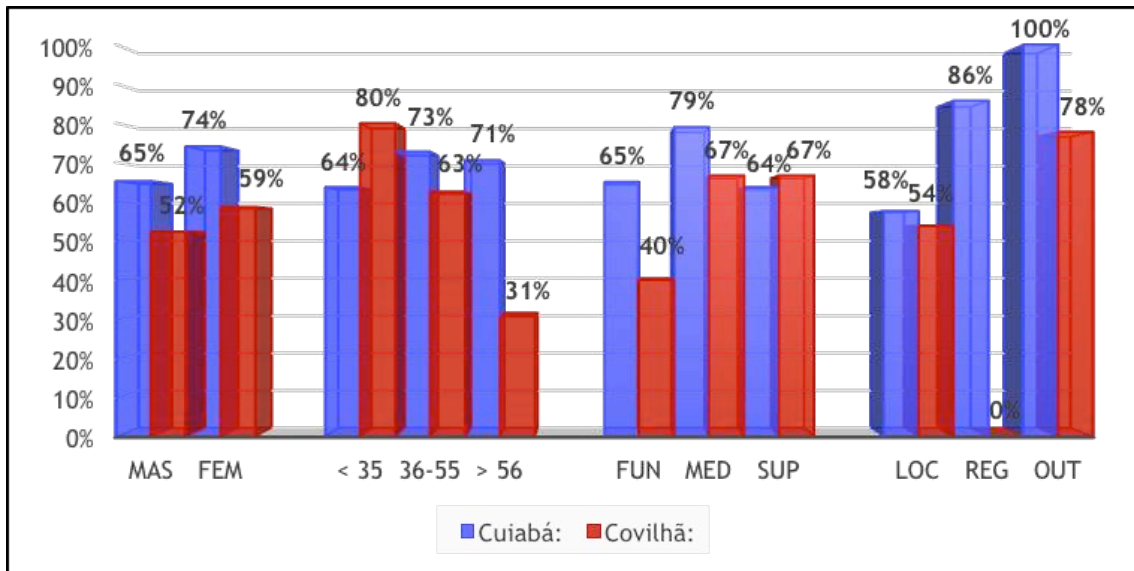


Figura 19. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Bituca/Beata em Cuiabá e Covilhã.  
 Fonte: Pettenon (2016).

Na Covilhã, a variante *beata* apresenta tendência inovadora quando correlacionada às variáveis sociolinguísticas gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, como pode ser observado na Figura 19. Possui predileção maior entre as mulheres (59%), àqueles com maior nível de escolaridade (67%), bem como dentre os advindos de outras regiões ou países (78%). Contudo, para corroborar com o exposto, a distribuição em tempo aparente apresenta uma progressão linear decrescente, dos mais jovens (80%) para os mais velhos (31%), de modo a confirmar uma tendência de mudança em progresso para a variante léxica *beata*, caracterizada como inovadora, não padrão e estigmatizada, porém é a forma linguística mais forte dentro da comunidade.

Na Figura 20, quando observado os percentuais distribuídos nas variáveis extralinguísticas gênero, faixa etária e naturalidade, identifica-se uma tendência inovadora provocada pela adoção na comunidade de fala cuiabana da variante de maior prestígio social *estilingue*, independentemente da característica contrária apresentada pela variável nível de escolaridade. A mudança em progresso, neste caso, é promovida pelos informantes nativos de outras regiões e ou países (90%), pelas mulheres (59%) e, principalmente, pelos mais jovens (82%), uma vez que os grupos de maior idade possuem predileção pela variante estigmatizada local *funda*. Entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” há o predomínio de emprego da variante conservadora *funda*, a qual foi suplantada pela forma linguística inovadora *estilingue*, possivelmente introduzida no falar cuiabano pelos meios de uniformização da língua.

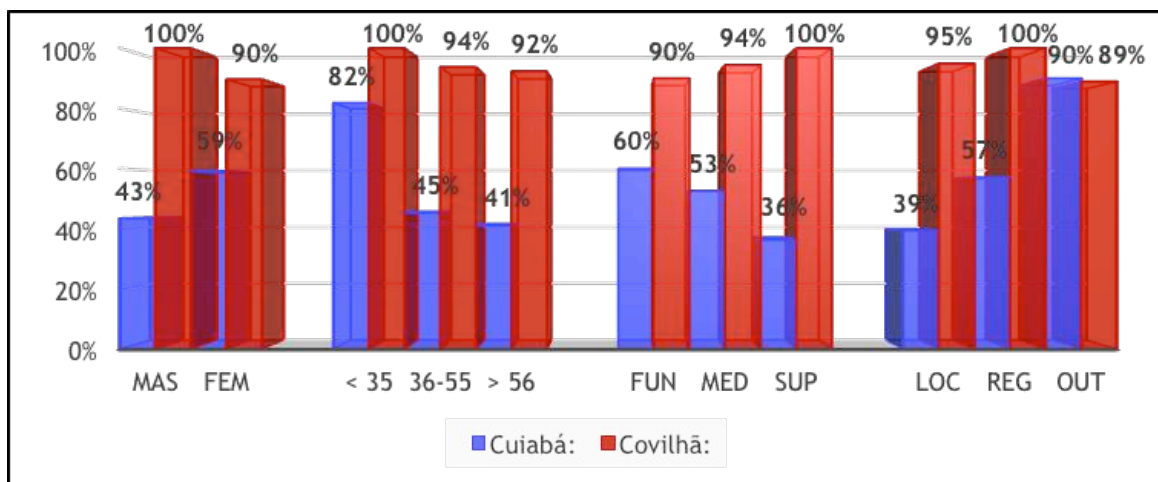


Figura 20. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Estilingue/Fisga(s) em Cuiabá e Covilhã.  
 Fonte: Pettenon (2016).

Na Covilhã evidencia-se, pela correlação da variante *fisga/s* às variáveis sociolinguísticas gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, que não há indicativo de mudança em progresso ou de inovação linguística, haja vista que todos os grupos em estudo empregam, quase que categoricamente a variante conservadora, na medida em que apresentam percentuais elevados e equilibrados. Pode-se concluir que a variante léxica *fisga/s* não se encontra em fase de mudança, sendo uma variante estável, instituída como não padrão e estigmatizada, no entanto, configura-se como a forma linguística mais forte dentro da comunidade de fala covilhanense, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações.

A distribuição dos percentuais entre os grupos de variáveis sociolinguísticas para a lexia *pipa* em Cuiabá apresenta na faixa etária uma progressão linear decrescente, de 91% no grupo mais jovem, para apenas 12% entre os mais velhos (Figura 21). Também, foi a variante mais empregada entre as mulheres, contudo, os percentuais não ultrapassam 40% quando se trata dos informantes com nível fundamental ou superior, nativos ou de outras regiões, de modo que a tendência de variação linguística está somente condicionada à característica apresentada pela distribuição em tempo aparente. O percentual inexpressivo aqui atribuído aos mais velhos está relacionado à predileção deste grupo pela variante conservadora *pandorga*, forma linguística mais antiga, fator que contribui para o que William Labov define como mudança em progresso e que tende a se concretizar nas próximas gerações, nesta comunidade de fala.

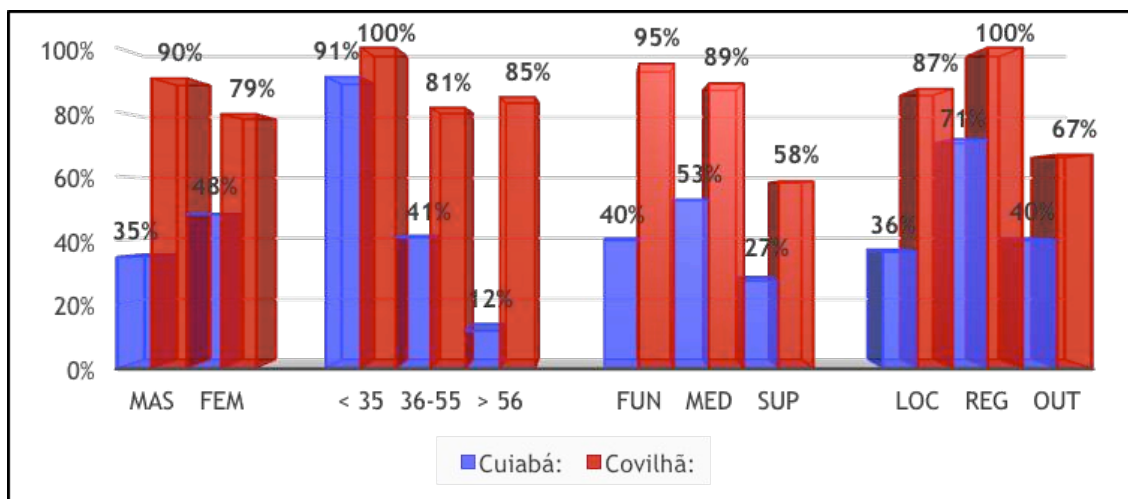


Figura 21. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Pipa/Papagaio em Cuiabá e Covilhã. Fonte: Pettenon (2016).

Quando se trata do ponto linguístico lusitano, a distribuição dos percentuais entre os grupos de variáveis revela a conservação da variante *papagaio* e não indica qualquer tendência à mudança. Em todos os casos identificam-se percentuais elevados, de modo que a predileção pela variante de maior prestígio social tende a se manter nas próximas gerações nesta comunidade linguística.

Os percentuais dispostos para a variante léxica *picumã* na Figura 22, em Cuiabá, revelam para as variáveis gênero, faixa etária e nível de escolaridade uma tendência conservadora na comunidade de fala. A distribuição em tempo aparente manifesta um comportamento linear e crescente, dos mais jovens (18%) para os mais velhos (53%) que, associado a uma progressão linear decrescente do nível de escolaridade fundamental (55%) para o superior (18%), tem contribuído para a preservação da lexia em questão. No entanto, sugere uma mudança em potencial para as próximas gerações. Por outro lado, os percentuais elevados em todos os grupos de variáveis sociolinguísticas na Covilhã não indicam tendências à mudança linguística para a variante *fuligem*. Trata-se de uma variante estável, instituída como padrão e de maior prestígio social na comunidade de fala covilhanense, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações.

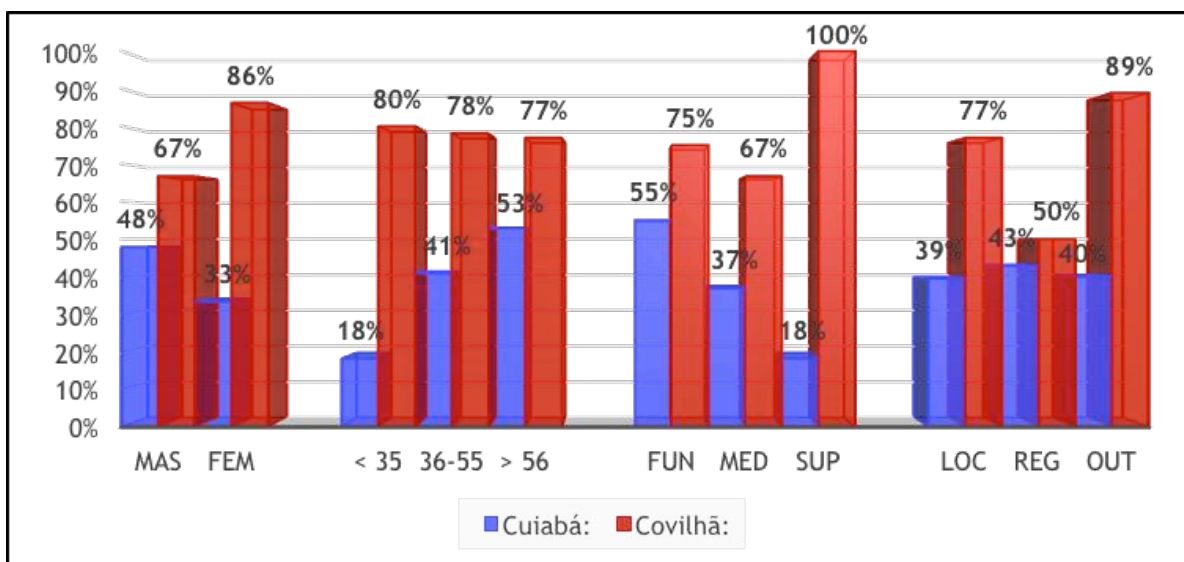


Figura 22. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Picumã/Fuligem em Cuiabá e Covilhã. Fonte: Pettenon (2016).

No caso da lexia *empachado/a*, a significativa diversidade de variantes identificadas no ponto linguístico Cuiabá justifica os percentuais inexpressivos. Contudo, a distribuição em tempo aparente revela uma tendência conservadora, com percentual mais elevado no segmento etário mais velho (41%) em comparação às demais faixas etárias, cujos percentuais são equilibrados (18%) (Figura 23).

O fator extralinguístico naturalidade expõe progressão linear decrescente, dos falantes nativos (33%) para os advindos de outras regiões ou países, 14% e 10%, respectivamente. Destarte, pressupõe-se que a variante *empachado/a*, apesar de conservada entre os falantes mais velhos e nativos do local em estudo, tende a desaparecer na prática verbal dos jovens cuiabanos. Quanto à variável escolaridade, identifica-se certo equilíbrio entre os informantes de menor (30%) e maior nível de escolaridade (36%), de modo que não se apresentam tendências inovadoras para a variante em questão. Da mesma forma, não há indicativo de mudança em potencial nas próximas gerações, uma vez que a diversidade de informações ainda não permite identificar qual seria a variante que subjugaria a estigmatizada em questão.

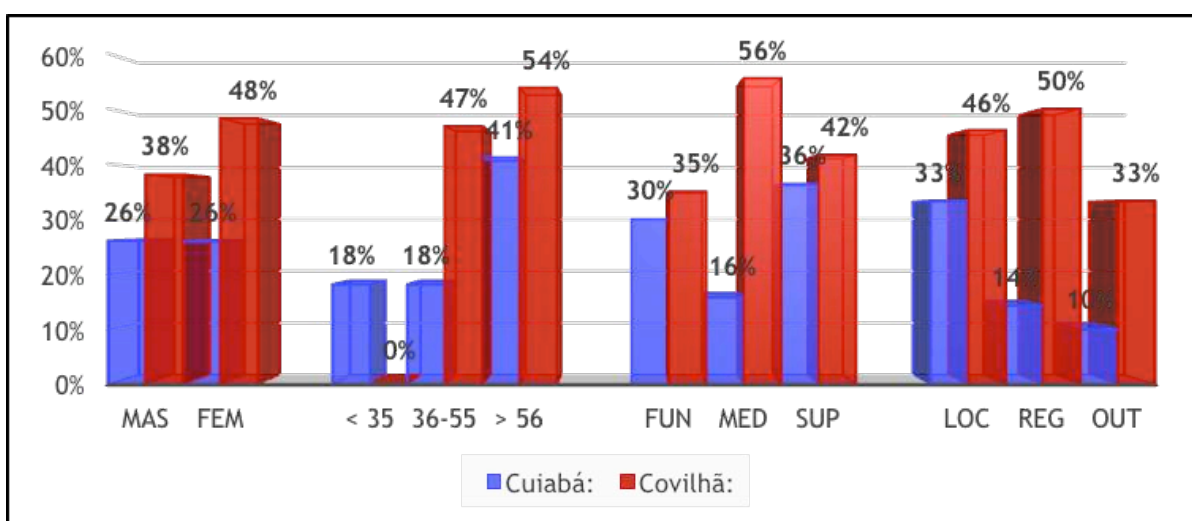


Figura 23. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Empachado(a)/Enfartado(a) em Cuiabá e Covilhã. Fonte: Pettenon (2016).

Na Covilhã, a distribuição em tempo aparente aponta um fator importante relativo à mudança em potencial que deverá ocorrer nas próximas gerações: nenhum informante pertencente ao grupo mais jovem emprega a variante *enfartada/o*. Como não são identificadas diferenças expressivas de percentuais entre os informantes com menor (35%) e maior (42%) nível de escolaridade, assim como, entre os falantes nativos (46%), da região (50%) e de outras regiões ou países (33%), a tendência conservadora apontada pela variável faixa etária tende a se confirmar para as próximas gerações, nesta comunidade de fala.

Os dados expostos na Figura 24 revelam que, na comunidade de fala cuiabana, a variante léxica *guloso* se equilibra quanto à variável gênero, no entanto, de acordo com a distribuição em tempo aparente de Labov, há um indicativo de mudança em progresso, visto que o ápice de frequência se situa na faixa etária mais jovem (73%), com um decréscimo na faixa intermediária (45%) e no segmento etário mais velho (41%). Este último grupo tem predileção pelas variantes *larido* e *comilão*, de modo que, sob este aspecto, há uma tendência inovadora, também identificada na variável naturalidade, cuja progressão é linearmente crescente dos falantes nativos (42%) para aqueles advindos de outras regiões ou países (70%).

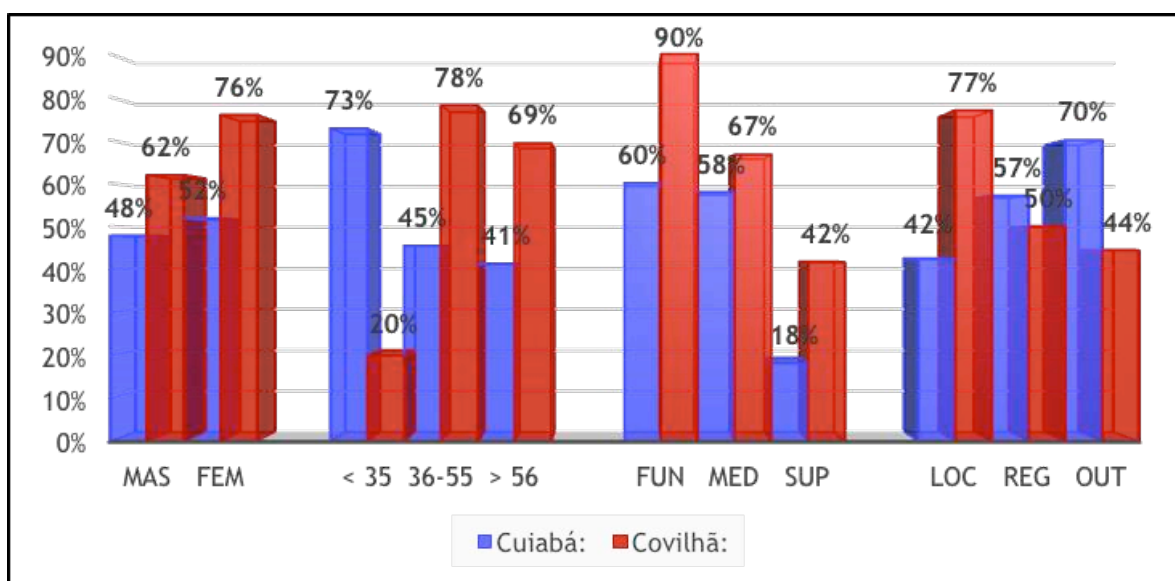


Figura 24. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Guloso(a)/Alarve em Cuiabá e Covilhã.

Fonte: Pettenon (2016).

Contudo, a variável nível de escolaridade não possui a mesma característica, porém, revela que os informantes com menor instrução já assimilaram a variante inovadora. Apenas o percentual de 18% para aqueles com nível superior não é suficiente para determinar alguma tendência para a variante linguística em questão.

Quando analisado o ponto linguístico Covilhã, a tendência observada não converge com a identificada na comunidade de fala brasileira, exceto quanto ao gênero. A distribuição em tempo aparente estratifica os percentuais mais elevados entre os dois grupos de informantes mais velhos, 78% e 69%, respectivamente e, apenas, 20% para os mais jovens. Também, os percentuais mais expressivos obtidos entre os informantes de nível de escolaridade média (67%) e, principalmente, fundamental (90%), bem como entre os nativos do local de estudo (77%), quando contrastado com a correlação exposta nas Figuras 5 e 6, revelam que se trata da maior parcela do mesmo grupo. Destarte, apesar da distribuição em tempo aparente não apresentar uma característica linear crescente, os percentuais elevados entre os grupos de maior idade, associados às particularidades apresentadas pelas variáveis nível de escolaridade e naturalidade, revelam uma tendência conservadora para a variante *alarve*. Os percentuais inferiores identificados entre os informantes mais jovens, com maior nível de escolaridade e advindos de outras regiões e ou países, indicam uma mudança em potencial e a substituição da variante em questão pela de maior prestígio sociolinguístico, nas próximas gerações, para esta comunidade linguística.

A correlação da variante *guarda-chuva* às variáveis sociolinguísticas apresentada na Figura 25 revela uma tendência conservadora, tendo em vista a elevada incidência em praticamente todos os grupos de análise. A maior frequência de uso da variante em questão situa-se no grupo masculino (83%), na faixa etária mais velha (94%),

nos grupos com nível de escolaridade média (95%) e superior (91%) e no grupo constituído por informantes nativos (79%) e de outras regiões e ou países (90%).

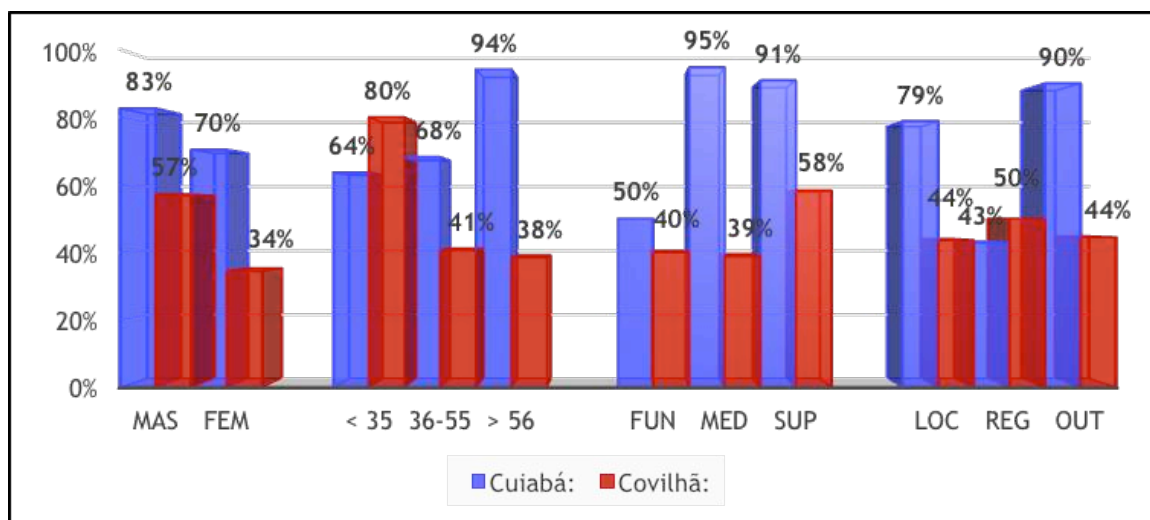


Figura 25. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Guarda-chuva em Cuiabá e Covilhã.  
Fonte: Pettenon (2016).

Ao observar os índices apresentados para as quatro variáveis, verifica-se que não há a menor possibilidade de mudança em progresso ou de inovação linguística. Trata-se de uma variante (*guarda-chuva*) estável, em relação de contemporização, instituída como padrão e de maior prestígio sociolinguístico na comunidade de fala cuiabana.

No ponto linguístico Covilhã, a variante léxica *guarda-chuva* expõe uma tendência inovadora, quando correlacionada aos fatores extralinguísticos faixa etária e nível de escolaridade, como pode ser verificado na Figura 25. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, permite inferir que há indicativo de mudança em progresso, visto que os jovens implementam mais a variante inovadora (80%), comparativamente ao segmento etário mais velho (38%). Quanto à variável escolaridade, apresenta-se de forma linear crescente do nível fundamental (40%) para o superior (58%). No entanto, essa tendência deve levar vários anos para ser confirmada na referida comunidade de fala, uma vez que a grande maioria dos informantes inquiridos da faixa etária intermediária e do segmento etário mais velho ainda empregam a variante conservadora *chapéu-de-chuva* para designar este referente.

A Figura 26 evidencia, pela correlação da variante léxica *terreno* às variáveis sociolinguísticas gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, que não há indicativo de mudança em progresso ou de inovação linguística, visto que todos os grupos em estudo empregam, quase que categoricamente, a variante conservadora, na medida em que apresentam percentuais elevados. Pode-se concluir que a lexia *terreno* não se encontra em fase de mudança, tratando-se de uma variante estável instituída como padrão e de maior prestígio social na comunidade de fala cuiabana, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações.

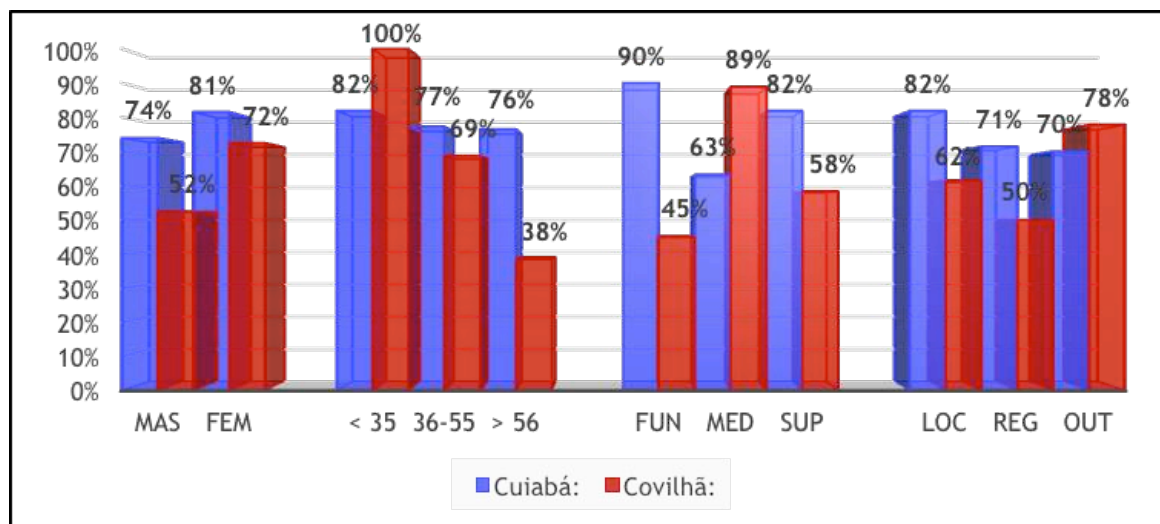


Figura 26. Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Terreno em Cuiabá e Covilhã.  
 Fonte: Pettenon (2016).

Na Covilhã, identifica-se uma tendência inovadora para a variante *terreno*, ao considerar o comportamento da maioria dos grupos em cada variável sociolinguística. Quanto ao fator gênero, constata-se que o grupo feminino apresenta percentual mais elevado (72%) em relação ao masculino (52%). Esta distinção deve-se ao fato de que as mulheres são mais propensas ao emprego de variantes que correspondem à norma padrão ou de maior prestígio social, contribuindo, neste caso, para a implementação da forma linguística inovadora. A distribuição da variante *terreno*, em tempo aparente, apresenta percentual linear decrescente dos mais jovens (100%) para os mais velhos (38%). Em relação às demais variáveis, observa-se que a maior frequência de uso da variante em questão está entre os falantes de nível de escolaridade média (89%) e superior (58%), bem como dentre os inquiridos provenientes de outras regiões e ou países (78%). Destarte, com base nas tendências preconizadas pelas variáveis extralinguísticas, pode-se inferir que há indicativo de mudança em progresso nesta comunidade de fala lusitana. Dado o baixo percentual e a correlação entre os informantes mais velhos (38%) e de menor nível de escolaridade (45%), devidamente justificada na Figura 5, esta tendência inovadora tende a se confirmar nos próximos anos.

## Conclusão

Os resultados da análise sociolinguística apontam, de modo geral, para dois caminhos distintos trilhados pelas variantes: a estabilidade e a coexistência das variantes no sistema e a mudança em progresso. Na tentativa de identificar as inovações, partiu-se do pressuposto laboviano de que é possível captar mudanças em progresso, por meio da análise distribucional e quantitativa de variáveis em diferentes faixas etárias – *tempo aparente*. O padrão curvilíneo de distribuição das variantes, em tempo aparente, daria a indicação de uma variação estável ou de uma mudança em andamento e, conseqüentemente, a implementação ou a perda de um processo. No entanto, essa distribuição por faixas etárias, pode ser apenas *aparente* e não representar mudanças reais na comunidade de fala, mas constituir um padrão característico de gradação etária que se repete a cada geração. A variação estável se caracteriza por um padrão curvilíneo, no qual a faixa etária intermediária apresenta a maior incidência de uso das formas linguísticas de maior prestígio social, enquanto que, na mudança em progresso, a distribuição exhibe uma progressão linear decrescente, com os mais jovens apresentando a maior frequência de uso da variante inovadora, comparativamente aos segmentos etários mais velhos. Essa predição entre variação estável e mudança em progresso fundamenta-se na combinação dos resultados obtidos, por meio da correlação das variantes linguísticas selecionadas, com as variáveis sociais gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes auscultados, a partir da noção de prestígio.

A metodologia utilizada permitiu identificar possíveis mudanças em curso, por meio da observação do comportamento de uso linguístico diferenciado dos falantes, estratificados em três faixas etárias: 25 a 35 anos; 36 a 55 anos e 56 anos em diante. Na comunidade de fala cuiabana, a distribuição em tempo aparente mostra claramente uma tendência de mudança em progresso para as lexias *orvalho*, *chicote*, *libélula*, *estilingue*, *pipa* e

*guloso*. Estas formas linguísticas em variação encontram-se em relação de coexistência e concorrência com formas linguísticas mais antigas e representativas do falar cuiabano, as quais tendem a cair em desuso. A variante local conservadora, não-padrão e estigmatizada, tende a ser substituída pela forma inovadora e de maior prestígio social. As variantes linguísticas “se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência, ou, mais fatalisticamente, em um combate sangrento de morte...” (TARALLO, 2006, p. 5). Neste caso, a variante mais produtiva deve generalizar-se e o seu uso tornar-se praticamente peremptório dentro da comunidade de fala, configurando a mudança linguística.

Das variáveis sociais selecionadas como prováveis responsáveis pela implementação de formas linguísticas inovadoras e de maior prestígio sociolinguístico, os fatores condicionadores faixa etária, exposto anteriormente, nível de escolaridade e naturalidade, evidenciaram-se determinantes. De modo geral, os maiores percentuais são identificados entre os informantes mais jovens, com nível de escolaridade média e superior e entre os inquiridos de outras regiões e/ou países. A variável gênero não se mostrou determinante na interpretação dos resultados quantitativos, para se atestar uma mudança em progresso, portanto, a oposição entre os gêneros masculino e feminino é neutralizada neste contexto, em virtude do pressuposto de que não há propriamente ‘linguagens’ distintas de homens e mulheres e, sim, uma preferência por certos usos linguísticos em detrimento de outros. Ainda não se definiu, de forma clara, o papel da mulher nos processos de variação e mudança linguísticas. Segundo Chambers (1995), nos estudos sociolinguísticos, que incluem grupos de homens e mulheres, há evidências de que “as mulheres usam menos variantes estigmatizadas e não-padrão do que os homens, no mesmo grupo social e nas mesmas circunstâncias”. Esta hipótese não se confirmou no presente estudo, visto que há um equilíbrio na preferência de homens e mulheres pelas variantes inovadoras.

Na comunidade de fala covilhanense, a distribuição em tempo aparente exhibe claramente uma tendência de mudança em progresso para as lexias *pedra*, *orvalho*, *beata*, *guarda-chuva* e *terreno*. Essa tendência inovadora também foi motivada pelas variáveis escolaridade e naturalidade, mais especificamente, pelos falantes com maior nível de escolaridade e advindos de outras regiões e ou países. No que concerne à variável gênero, nas situações de mudança em curso, verificou-se que os homens tendem a conduzir o processo de mudança linguística em direção às variantes da norma padrão da Língua Portuguesa.

Quando consideradas as contribuições de Eugênio Coseriu, destaca-se neste estudo, que as mudanças linguísticas são necessariamente individuais e as inovações adotadas e disseminadas correspondem às exigências expressivas interindividuais. Tratam-se de necessidades expressivas que atuam de forma diferente em cada falante e nem mesmo a documentação de que a história linguística dispõe pode ser suficiente para explicar como isso atuou em cada falante. Estes, muitas vezes, adotam o modo de falar “como os outros”, sem que percebam, isto é, por uma razão cultural e extrínseca. Nesse sentido, qualquer mudança linguística tem, efetivamente, “uma causa eficiente, que é a liberdade lingüística, e uma razão universal, que é a finalidade expressiva (e comunicativa) dos falantes” (COSERIU, 1979, p. 175-176).

A análise das variantes linguísticas, em correlação com os fatores da estrutura social, também permitiu identificar variantes léxicas que tendem a se manter no uso linguístico das comunidades de fala, dentro de uma estratificação etária específica, assinalando um processo de variação estável. Dessa forma, a variação estável se caracteriza por uma distribuição geracional curvilínea em que a faixa etária intermediária (36 a 55 anos) apresenta a maior frequência de uso da variante padrão da Língua Portuguesa. Em Cuiabá, as lexias *lamaçal*, *pedra*, *cansação*, *curral*, *bituca*, *trieiro*, *empachado*, *guarda-chuva* e *terreno* encontram-se, neste momento, em processo de variação estável, enquanto que, na Covilhã, as variantes lexicais *lamaçal*, *urtiga*, *chicote*, *libelinha*, *fisga*, *papagaio*, *fuligem* e *enfartado* exibem a tendência conservadora exposta. Esta perspectiva tende a se manter ainda por um longo período de tempo (nas próximas gerações) nas comunidades de fala cuiabana e covilhanense, visto que não se verifica uma tendência eminente de preponderância de uma variante linguística sobre a outra.

Outro prognóstico que assenta na relação entre as variantes linguísticas e os fatores sociais é o que este estudo define como mudança em potencial. Dentre as variáveis extralinguísticas selecionadas, a faixa etária, o nível de escolaridade e a naturalidade dos informantes inquiridos, evidenciaram-se determinantes à preservação da norma linguística vigente na comunidade de fala covilhanense. A distribuição das variantes, em tempo aparente, caracteriza-se por apresentar progressão linear crescente entre os três grupos etários, com menor incidência de uso da variante conservadora na faixa etária mais jovem, em comparação aos segmentos etários mais velhos. As lexias *pontão*, *canga*, *bardo*, *vereda*, *mocho*, *rapariga* e *alarve* indicam, neste momento, uma tendência à mudança em potencial, dada a baixa frequência de uso da forma linguística conservadora entre os jovens. Estas lexias se mantêm com percentuais altos de aplicação no segmento etário mais velho, nos grupos



com menor nível de escolaridade e nativos do local de estudo, apresentando, portanto, uma tendência conservadora, embora representem fenômenos de mudança em potencial, a partir do momento em que a geração mais velha for sendo sobreposta.

No ponto linguístico Cuiabá, as variantes lexicais *pinguela*, *canga*, *mocho*, *adolescente* e *picumã* refletem a tendência exposta no parágrafo anterior. De forma específica, os fatores gênero masculino, faixa etária mais velha e menor nível de escolaridade dos informantes demonstraram ser condicionadores à preservação das referidas variantes, neste momento histórico. A distribuição em tempo aparente mostra claramente que essas variantes léxicas apresentam alto índice de produtividade entre os falantes mais velhos, no entanto, o comportamento linguístico da faixa etária jovem se afasta dos padrões linguísticos da língua em uso, originando uma tendência inovadora. Significa dizer que a fala do grupo mais velho ainda reflete o uso de uma forma conservadora, que está desaparecendo da fala dos jovens, lenta e gradativamente. Estes tendem a liderar os processos de mudança em direção à implementação das variantes de maior prestígio social. Consequentemente, neutralizam-se as variantes lexicais que particularizam os falares investigados.

A análise das variantes lexicais de maior frequência, em correlação às variáveis gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, permitiu identificar lexias que se mantêm estáveis no sistema linguístico das comunidades de fala investigadas, apesar de coexistirem e concorrerem, simultaneamente, com outras variantes que também enriquecem o léxico da Língua Portuguesa, “incluindo a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural do presente e do passado da sociedade. Esse tesouro constitui um patrimônio da sociedade, juntamente com outros símbolos da herança cultural” (BIDERMAN, 1992, p. 399).

O português começou a ser difundido, de forma precária, pelo interior do território brasileiro, quando da instauração das capitanias hereditárias em 1532 e a formação do léxico cuiabano está ligada à interação com a história da ocupação do solo cuiabano pelos bandeirantes paulistas, no ciclo da mineração. A língua trazida por estes desbravadores, em contato com as línguas indígenas, e posteriormente as migrações sulistas, resultou em um amálgama linguístico. Ainda, soma-se a variedade falada pelos colonizadores portugueses e pelos escravos por estes transferidos à região da baixada cuiabana. A constituição do léxico cuiabano se coaduna com o resultado do contato, bastante estreito, entre o dialeto caipira, recheado de elementos próprios do português arcaico e as línguas indígenas faladas na região, em especial o *bororo*. Foi nesse contexto multilíngue e multidialetal que floresceu e se fixou a variedade do português falado em Cuiabá. A tendência conservadora da variedade linguística, verificada atualmente neste estudo decorre, justamente, da contemporização dos arcaísmos, da língua caipira, das variantes indígenas e africanas que circundam este processo histórico-cultural.

Já a tendência ao conservadorismo, identificado no falar do Concelho da Covilhã, está atrelado às particularidades relacionadas pelo professor Manuel de Paiva Boléo, em relação à situação linguística de Portugal. Mais precisamente ao fato de que, do Norte ao Sul, identifica-se uma homogeneidade linguística impressionante, relacionada a uma escassa diferenciação dialetal. De um Norte arcaizante a um Sul inovador de base normativa, destaca-se a região central que compreende as Beiras (incluindo o ponto linguístico em questão), considerada uma área de transição, de mobilidade sociogeográfica reduzida que, automaticamente, diminui a propensão a criar ou admitir novas formas de falar.

Esse caráter conservador foi constatado nesta investigação, tendo em vista os elevados percentuais registrados em ambos os pontos linguísticos. Em Cuiabá, 81,5% das variantes léxicas se mantêm estáveis e, portanto, preservadas no âmbito da norma vigente, enquanto que na Covilhã o percentual eleva-se para 82,6%. Estes valores expressivos, porém, equilibrados, sustentam uma base conservadora para as variedades diatópicas da Língua Portuguesa, caracterizadas por padrões estruturais e estilísticos específicos que as individualizam. Apesar da heterogeneidade da língua, o seu dinamismo trilha o caminho da uniformização motivada pelas classes mais escolarizadas e pelos mais jovens.

## Referências bibliográficas

- ALKMIN, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 21-47.
- ALVAR, M. Hacia los Conceptos de Lengua, Dialecto y Hablas. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, México, Año 15, n. 1/2 (Jan-Jun), 1961, p. 51-60.

- ARAÚJO, M. A. A. *Linguagem e Identidade Cultural: uma abordagem Sociolinguística*. Disponível em: <<http://www.sociodiaeto.com.br/edicoes/8/09052011091540.pdf>>. Acesso em: 25 Ago. 2014.
- BACHMANN, Christian et al. *Language and Communications Sociales*. Paris: Hatier, 1981.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 26. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro? um convite à pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BIDERMAN, Maria Tereza. *O Léxico, Testemunha de uma Cultura*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de La Maza, 1992.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- BRIGTH, W. As Dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M. F. & NEVES, M. S. *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 17-23.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-47.
- CHAMBERS, Jack. *Sociolinguistic Theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995.
- CHAMBERS, Jack & TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- COSERIU, Eugenio. *La Geografia Linguística*. Montevideo: Universidad de la República, 1956.
- COSERIU, Eugenio. *Sincronia, Diacronia e História*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP, 1979.
- COSERIU, Eugenio. *Los Conceptos de Dialecto, Nivel y Estilo de Lengua y el Sentido Propio de la Dialectología*. Madrid: Linguística Española Actual, 1981.
- COSERIU, Eugenio. *O Homem e sua Linguagem*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1982.
- COSERIU, Eugenio. *Sentido y Tareas de la Dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982b.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A Dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- JAKOBSON, R. Linguística e Poética. In: JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 118-162.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. What Can be Learned about Change in Progress from Synchrony Descriptions. In: SANKOFF, D; CEDERGREEN, H. (Eds.). *Variation Omnibus. Carbondale*; Edmonton: Linguistic Research, 1981, p. 177-199.
- LABOV, William. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982, p. 17-92.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LUCCHESI, Dante. O Tempo Aparente e as Variáveis Sociais. *Boletim da ABRALIN*, v. 26, 2001, p. 135-137.
- MARGOTTI, F. W. Abordagem Empiricista em Trabalhos de Variação Sociolinguística. Tubarão: *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v.4, n.1, (Jul-Dez), 2003, p. 149-166.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- MURRIE, Zuleika et al. *Projeto Escola e Cidadania para Todos: Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora do Brasil, 2004.
- MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- OSÓRIO, P. Linguística Histórica e História da Língua: aportações teóricas e metodológicas. In: LIMA-HERNANDES, M. C.; MARÇALO, M. J.; MICHELETTI, G.; ROSSI MARTIN, V. L. *A Língua Portuguesa no Mundo*. São Paulo: Actas do I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2008.
- PETTENON, Jussara Maria Dallemole. *Estudo Contrastivo Semântico-Lexical dos Falares de Cuiabá e da Covilhã*. 2016. 344f. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2016.
- PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- SILVA, Maria do Perpétuo Socorro da. *Estudo Semântico-Lexical com Vistas ao Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó/Pará*. (Tese de Doutorado), São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2002.
- TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- VOTRE, S. J. Relevância da Variável Escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. *Introdução à Sociolinguística Variacionista: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 51-57.
- WEEDWOOD, Barbara. *História Concisa da Linguística*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.